

A Perda da Identidade Pessoal em Idosos
Institucionalizados

Inês de Lima e Lemos Guedes Lousa

Orientador de Dissertação:

Professor Doutor Jorge Alexandre Caiado Gomes

Coordenador de Seminário de Dissertação:

Professor Doutor Jorge Alexandre Caiado Gomes

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2012

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Professor Doutor Jorge Alexandre Caiado Gomes, apresentada no ISPA - Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica, conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

Agradecimentos

Agradeço a todos os participantes deste estudo pela disponibilidade e pelo carinho com que me receberam e abraçaram este projecto comigo, bem como a todos os que me ajudaram e permitiram o acesso aos residentes dos lares.

Ao Professor Doutor Jorge Alexandre Caiado Gomes pela disponibilidade, compreensão e ajuda tão preciosa, sem a qual não seria possível a resolução do presente projecto.

Agradeço também, do fundo do coração, à minha família, em especial aos meus avós, por me terem apoiado sempre e por me terem dado guarida neste momento especialmente difícil da minha vida. Também aos meus verdadeiros amigos, Manucha, Pedro Valle-Flor, Melissa Doroana, Sónia Antunes e Pedro Dias.

À Dra. Albertina Marques um agradecimento especial por toda a disponibilidade, ajuda e apoio dados.

Por fim, agradeço à Dra. Mercedes e à Dra. Florbela por me terem ajudado a voltar a pôr-me de pé, a acreditar e a ter forças para fazer este projecto.

Dedicatória

Desejo dedicar este trabalho a duas pessoas.

À minha bisavó Graciosa, o grande amor da minha vida, por ter feito de mim quem eu sou; ao Professor Doutor Pedro Jorge Morais Aleixo pela ajuda, compreensão e amizade ao longo destes cinco anos.

Título: A Perda da Identidade Pessoal em Idosos Institucionalizados

RESUMO

O presente estudo tem como objectivo explorar alguns aspectos da identidade de idosos que se possam modificar com a institucionalização. Para tal foram observados quatro indivíduos institucionalizados num lar de Viana do Castelo, de ambos os géneros e com mais de 65 anos, tendo sido utilizada, para a recolha de informação, uma entrevista semiestruturada. Pretendia-se que estudos posteriores aprofundassem o conhecimento destes factores agora identificados. Contudo, os resultados obtidos apontam para o facto da institucionalização *per si* não ser um factor que ponha em risco a identidade pessoal dos idosos. Parecem contudo existir um conjunto de características pessoais e sociais que, quando em desequilíbrio, podem efectivamente influenciar o sentimento de identidade pessoal dos indivíduos.

Palavras-chave: Perda da Identidade Pessoal, Idosos, Institucionalização

Title: The Loss of Personal Identity in Institutionalized Elderly

ABSTRACT

The present study has the main purpose of exploring some of the identity aspects that can be altered with institutionalization. For that there were observed four institutionalized individuals in a nursing home in Viana do Castelo, of both genders and with more than 65 years old. The data collection was made by a semistructured interview. One of the goals of this study was to allow future studies to deepen the knowledge of the identified factors.

However, the obtained results show that institutionalization by itself is not a factor that endangers the personal identity in elderly, but there seem to be a group of personal and social characteristics that, when in imbalance, can effectively influence people sense of personal identity.

Índice

1. Introdução	1
2. Fundamentação Teórica	2
2.1. Transformação do papel do idoso na sociedade	2
2.2. O envelhecimento, a mudança e a identidade	2
2.3. Teorias da identidade e a perda de identidade	5
2.4. Definições de conceitos: Redes de apoio, Eu e <i>Self</i>	7
2.5. De que modo a institucionalização desafia a identidade do idoso?	9
2.6. Objectivo do estudo e questões de investigação	10
3. Método	11
3.1. Tipo de estudo	11
3.2. Participantes	11
3.3. Instrumento	12
3.4. Procedimentos	14
4. Resultados	15
5. Discussão e Considerações Finais	19
6. Referências Bibliográficas	22
7. Anexos	25

Índice de Quadros

Quadro 1: Principais Categorias Encontradas na Análise de Conteúdo

18

1. Introdução

Presentemente, e tendo em conta as alucinantes transformações sociais, políticas e económicas que ocorrem ao nível mundial, as questões relativas às mudanças na identidade estão na ordem do dia (Grinberg, 1976). Se bem que estes estudos sobre a identidade se tenham centrado mais sobre as fases mais precoces do desenvolvimento do ser humano, também podemos reflectir sobre a sua importância durante o envelhecimento, altura em que se dão novas mudanças e, portanto, se colocam novas questões.

O envelhecimento é mais uma fase da vida, na qual um indivíduo saudável, activo e com papéis sociais e familiares bem definidos, se pode transfigurar em alguém que pode ser considerado por si próprio e pelos outros como inútil, frágil e mesmo um fardo. De acordo com os dados dos Censos 2011 (Instituto Nacional de Estatística, 2011), sabe-se que o isolamento e a solidão dos idosos tem vindo a aumentar. Cerca de 60% da população idosa portuguesa reside sozinha ou acompanhada exclusivamente por pessoas também elas idosas, tendo esta situação registado um aumento de 28% ao longo da última década. Tal ter-se-á devido a alterações ocorridas na sociedade, nomeadamente ao nível do mercado económico, o que provocou mudanças ao nível familiar. Parece ter ficado de lado o conceito de família alargada, o que poderá ter conduzido ao abandono e isolamento dos idosos. Consequentemente, o Estado teve a necessidade de ocupar o lugar dos familiares na vida dos idosos, surgindo, com o início das políticas sociais dirigidas à Terceira Idade, as instituições formais de apoio e cuidado aos idosos "abandonados" com maiores carências, tendo emergido os Lares a partir da década de 50 (Vaz, 1998). No entanto, verificou-se que a remoção total dos idosos da sua rede social, emocional e habitacional, embora necessária e positiva em alguns casos, não era sentida pelos idosos de uma forma totalmente positiva e gratificante. A partir dos anos 60 surgiram os Centros de Dia que, sendo alternativas à institucionalização, permitiram a permanência dos idosos nas suas próprias residências e no seu próprio meio, podendo disfrutar, durante o dia, de todos os apoios e estimulações necessárias para um envelhecimento activo (Vaz, 1998).

Desta forma e uma vez que a população idosa portuguesa - com idade igual ou superior a 65 anos - está cada vez mais envelhecida, tendo aumentado cerca de 19% na última década (Censos 2011), torna-se necessário rever e adaptar a forma como os idosos são vistos na comunidade em que residem.

Com esta investigação, pretende-se compreender de que forma a identidade dos idosos é afectada aquando da sua institucionalização, isto é, perceber de que forma a individualidade da pessoa é alterada em idosos que ingressam em lares e que aí residem, deixando a sua casa, as suas raízes e as suas redes interpessoais significativas.

2. Fundamentação Teórica

2.1. Transformação do papel do idoso na sociedade

Nas sociedades pré-industriais, era comum que a família se encarregasse da sobrevivência dos seus idosos, cabendo essa tarefa à mulher, uma vez que era o homem quem assegurava a subsistência da família (Guedes, 2007).

Sabe-se, tendo em conta estudos do Ministério da Saúde e dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) (Plano Nacional de Saúde, 2011), que em 2009 apenas 15% da população tinha entre 0 e 14 anos, enquanto 18% possuía 65 ou mais anos, prevendo-se um acentuar destes valores no futuro (Plano Nacional de saúde, 2011-2016). Também se verificou um aumento significativo da esperança média de vida - que passou dos 25 anos no século XVIII, para os quase 80 anos no século XX - e uma diminuição do índice de fecundidade, onde os nascimentos médios de crianças passaram de 6,5 crianças no século XVIII para apenas 1,5 em 1995 (Guedes, 2007). Sabe-se, de acordo com os dados do INE, que a idade média da população portuguesa subiu, entre 1991 e 2009, de 35,3 anos para os 40 anos no que concerne aos homens, e de 38,2 para 42,9 anos no caso das mulheres. A mesma fonte indica que, em 1981, a substituição geracional feminina estava assegurada, no sentido em que cada mulher tinha mais do que uma filha apta a reproduzir-se. Contudo, a partir dos anos noventa tal deixa de acontecer, passando a média de filhas de cada mulher portuguesa a ser inferior a um, o que coloca em risco a continuidade geracional (Carrilho & Patrício, 2010).

2.2. O envelhecimento, a mudança e a identidade

De acordo com Sequeira (2010), o envelhecimento é um processo de mudança progressiva das estruturas biológica, psicológica e social que se desenvolvem ao longo da vida, implicando um maior risco de incidência de doenças e, conseqüentemente, do grau de dependência. A ancianidade nem sempre é bem aceite pelos idosos, uma vez que implica alterações quer na sua identidade, quer na sua maneira de estar e viver, ocorrendo transformações não só ao nível físico, mas também ao nível intelectual, o que leva a sentimentos de medo, tensão e insegurança que se poderão manifestar por alterações no comportamento e numa má adaptação ao meio e à sua nova condição. A velhice é, portanto, um conceito extremamente subjectivo, uma vez que é um processo onde a forma como o idoso se vê e se percebe, bem como a forma como é visto pelos outros é fulcral, podendo afirmar-se que não existe "velhice" mas antes velhices, dependendo dos sujeitos e da forma como a experimentam (Altman, 2011). Neste sentido, há vários factores que podem influenciar o processo de envelhecimento, nomeadamente a) a entrada na reforma, em que uma pessoa passa de socialmente activa para a inércia, inactividade e exclusão, b) as alterações dos laços e relacionamentos familiares e das redes sociais, uma vez que estes começam a diminuir devido ao aumento da dependência, das

doenças e das perdas e morte dos amigos. É indispensável que o idoso encontre e experimente novos papéis que lhe possibilitem manter os sentimentos de serventia e pertença social, para que desta forma possa experimentar um envelhecimento activo e positivo (Guedes, 2007).

De acordo com Schroots e Birren (citados por Paúl, 2005: 275), o envelhecimento é composto por três elementos: o biológico, que se caracteriza pela senescência, isto é, pelo conjunto de alterações orgânicas, morfológicas e funcionais, como as mudanças do aspecto exterior, a lentificação progressiva dos movimentos e a diminuição da velocidade de reacção (Sequeira, 2010), o social, respeitante aos papéis sociais atribuídos e esperados pela sociedade para os idosos e, ainda, o psicológico, que concerne às capacidades de auto-regulação e de autonomia face às suas opiniões e tomadas de decisão. Desta forma, e ainda de acordo com Paúl (2005), o envelhecimento óptimo e activo é caracterizado como sendo um processo de desenvolvimento de oportunidades que visam aumentar a qualidade de vida aos níveis da saúde, participação e segurança. Este processo implica a possibilidade de conservação da capacidade de decisão, controlo e autonomia sobre a sua vida, bem como do prazer pela vida e bem-estar psicológico, social e físico, de forma a poder sentir-se integrado e útil no seio familiar e social.

Com todas estas alterações que ocorrem na vida do indivíduo parece legítimo questionar até que ponto é que a própria estrutura identitária permanece intacta. Sabe-se que a identidade se constrói ao longo da vida, quer individual quer socialmente, sendo por isso considerada mutável. Por outras palavras, não são apenas as características intrapessoais que constituem a identidade do indivíduo, mas também as características interpessoais advindas das relações estabelecidas com os outros e com a sociedade, uma vez que o ser humano é necessariamente um ser social (Guedes, 2007). Neste sentido, a inexistência de uma visão pessoal ou social de si mesmo pode alterar a noção do Eu do indivíduo que, na sua essência, tende a ser estável (Rey & Thá, 2010).

É a partir da chamada meia-idade que o indivíduo se vê confrontado com novos períodos de crise identitária, tendo em conta duas inevitabilidades próximas: o envelhecimento e a morte. Neste sentido podem surgir angústias relacionadas com a saúde, a transformação corporal ou mesmo com a perda do prestígio e estatuto social adquiridos, entre outras. É fundamental que o indivíduo seja capaz de elaborar o luto pelas mudanças e perdas que afectam, nesta etapa da vida, o seu *self*. É pela altura em que o indivíduo atinge a meia-idade que começa a perceber que a sua juventude passou e que a morte é inevitável e se encontra cada vez mais próxima, sendo esta confrontação com a realidade a essência central e crítica deste período (Grinberg, 1976). Perante a impossibilidade do indivíduo fazer o luto pelas perdas sofridas, poderá ocorrer não só uma decadência do carácter e do sentimento de identidade, como também um agravamento dos sentimentos de ódio e inveja, acompanhados por tendências destrutivas. Ora,

torna-se indispensável que a pessoa consiga, através da confiança e do amor que nutre por si próprio, contrariar esses sentimentos, no sentido de equilibrar o medo da morte com o desejo de viver (Grinberg, 1976). Embora possa proporcionar um reforço no sentimento da identidade, tal não significa que não surjam novas crises, uma vez que há vários factores, como alterações aos níveis social, político, económico e familiar, entre outros, que podem obrigar a constantes reelaborações internas.

A evolução do indivíduo é constituída por constantes mudanças e alterações que ocorrem ao longo da vida. De acordo com Grinberg (1976), a incapacidade de enfrentar a mudança poderá conduzir à "estagnação psíquica", sendo a capacidade de conservação do sentimento de si mesmo perante estas mudanças, que forma a base da experiência emocional e da estabilidade da identidade.

A angústia face à mudança pode relacionar-se com importantes mudanças sociais, uma vez que podem ser sentidas, por muitos indivíduos, como uma ameaça ou uma perda efectiva da identidade do *self*, visto estarem indubitavelmente relacionadas com o desconhecido, com o novo, pondo em causa aquilo que é familiar. Por outras palavras, a mudança "obriga" o indivíduo a vivenciar momentos dolorosos de desorganização psíquica, quer ao nível dos sistemas e estruturas previamente estabelecidos, quer dos vínculos objectais, até que seja capaz de se reorganizar num novo formato identitário. (Grinberg, 1976).

2.3. Teorias da identidade e a perda de identidade

De acordo com a teoria Psicanalítica, a identificação é a forma mais primitiva de ligação afectiva, sendo um processo psicológico através do qual o indivíduo apreende um aspecto ou característica de outrem, e se modifica de forma total ou parcial. O processo de identificação do indivíduo pode ser visto de cinco formas diferentes que podem coexistir, sendo elas a) a identificação primária, enquanto primeiro vínculo, b) a identificação edipiana, como base da incorporação dos valores dos pais, c) a identificação com um ideal de ego comum, no sentido de formar um vínculo entre os membros de um mesmo grupo, d) a identificação melancólica perante uma perda objectal e e) enquanto defesa contra a inveja e a rivalidade, nomeadamente na base da relação entre irmãos (Tenenbaum, 2004).

Estes processos identificatórios são então fundamentais na formação do Eu e da identidade do indivíduo, no sentido em que auxiliam a ultrapassagem das perdas e crises que o idoso vai sofrendo ao longo da vida, ajudando na recuperação ou mesmo na reconstrução de um novo Eu. De acordo com Tenenbaum (2004), apenas se dá uma alteração das representações quer do Eu quer do objecto interno do sujeito, quando o processo identificatório termina, isto é, quando o objecto interno passa a fazer parte do Eu.

Segundo Tenenbaum (2004), a identidade caracteriza-se como sendo uma experiência relativamente duradoura, única e coerente do *self*, embora não seja totalmente estável. Jacobson (citado por Grinberg, 1976) acredita que a formação da identidade é construída de forma gradual, tendo como base o facto de o *self* ser ``uma entidade organizada e diferenciada, separada e distinta do ambiente que a rodeia'', sendo o indivíduo capaz de permanecer o mesmo apesar de todas as mudanças pelas quais passa. De acordo com Grinberg (1976), um indivíduo tem identidade quando as suas partes constituintes estão organizadas num todo e, concomitantemente, seja portador de características únicas que lhe permitam diferenciar-se dos outros. Tal proporciona coesão ao *self* que, embora possa vir a experienciar alterações ou perdas ao longo do desenvolvimento, se manterá minimamente constante, o que permite que o Eu tenha tempo para elaborar as perdas que sofre e, desta forma, reorganizar-se das confusões identitárias que daí advêm.

A Teoria Psicossocial de Erikson explica que ao longo da vida o indivíduo está sujeito à interação entre as pulsões inatas e os requisitos sociais, o que desencadeia uma série de crises (mais precisamente oito) que devem ser elaboradas e superadas pelo sujeito. Ainda de acordo com o autor, um dos desafios fundamental na velhice prende-se com a capacidade de conciliação com o passado ao mesmo tempo que se investe no presente, o que poderá contribuir para a conservação da plenitude do Eu.

Levita (1965) considera que a identidade corresponde à integridade dos papéis que um indivíduo possui dentro da comunidade, enquanto, de acordo com o mesmo autor, outros autores entendem a identidade como sendo o foco fundamental do indivíduo, que só se torna evidente quando lhe resta apenas o papel principal, em detrimento dos experimentais. De acordo com este ponto de vista, o papel é a função que regulamenta o comportamento individual, tendo em conta determinadas normas grupais socialmente esperadas e aceites, assim como as próprias características da pessoa. Por outras palavras, é através da experimentação de diferentes papéis e posições que funcionam como sistema de referência e comunicação (Grinberg, 1976), que o indivíduo vai evoluindo e se vai diferenciando dos outros. Laing (citado por Grinberg, 1976:74) sugere que não é possível que haja uma identidade própria separada da identidade atribuída pelos outros, uma vez que é fundamental a presença do outro para que haja uma identificação, existindo concomitantemente uma dependência mútua entre a identidade que os outros atribuem ao indivíduo e as identidades que ele próprio atribui aos outros.

Segundo os autores Léon e Rebeca Grinberg (1976), a obtenção do sentimento de identidade depende de três vínculos, que funcionam de forma sincrónica, sendo eles o vínculo de integração espacial - relação entre as diferentes partes constituintes do *self*, permitindo não só a preservação da sua coesão como a sua comparação com os objectos, o vínculo de integração temporal - relações entre as diferentes representações do *self* de uma forma

continua no tempo, e o vínculo de integração social - relação entre os aspectos quer do *self* quer dos objectos. Assim sendo, as diferentes partes do *self* integram-se ao longo do tempo e do espaço, o que proporciona a possibilidade do indivíduo se vincular com os objectos externos de uma forma autêntica e separada.

Já Jung defende que é passível de ocorrerem, depois da adolescência, alterações estruturais tão importantes quanto as da infância. Na sua teorização, existem duas forças opostas que ocorreriam em diferentes alturas da vida: a extroversão, que prevalece na juventude e se exprime pela necessidade de afirmação e realização pessoal, e a introversão, mais característica da segunda metade da vida, na qual o indivíduo se volta mais para a análise dos seus sentimentos, do balanço da sua vida e para a consciência da eminência da morte (Oliveira, 2008).

Como anteriormente referido, e de acordo com Grinberg (1976), o sentimento de identidade relaciona-se com os três vínculos de integração (espacial, temporal e social). Ora, quando os indivíduos são sujeitos a mudanças, estas ''obrigam'' à desintegração desses vínculos, podendo colocar o sentimento de identidade em risco de também ele se fragmentar. Assim, podem entender-se as reacções que a mudança pode provocar no indivíduo quer ao nível da angústia sentida perante o desconhecido, quer ao nível de sentimentos depressivos perante a perda de estruturas previamente adquiridas e do próprio *self*, dos quais devem ser feitos os lutos pelo objecto e pelo *self*, respectivamente. Ora, se estes lutos não se efectuarem de uma forma sadia, tal poderá provocar resistência à mudança, uma vez que as perdas ocorridas são sentidas como verdadeiras ameaças de perda de identidade (Grinberg, 1976).

A necessidade dos idosos em elaborarem as perdas e o luto prende-se com o propósito de recriar novos modos de vida que voltem a atribuir-lhe sentido e proporcionem ganhos, uma vez que essa elaboração fortalece a actividade psíquica para que possa ocorrer uma nova vinculação da libido a um novo objecto (Altman, 2011). No seguimento deste parecer, a Teoria Psicanalítica apoia-se na ideia de que durante o envelhecimento há acontecimentos stressantes que visam testar o funcionamento psicológico do indivíduo, salientando a capacidade que o ego detém em adaptar-se às novas situações.

2.4. Definições de conceitos: Redes de apoio, Eu e *Self*

O envelhecer, como é óbvio, acarreta mudanças a vários níveis, nomeadamente ao nível da eficiência cognitiva, da personalidade - onde a passagem para o estatuto de idoso é seguida por transformações da afectividade do carácter -, e ao nível da adaptação - positiva quando se superam as dificuldades e os conflitos, e negativa quando há isolamento, ansiedade e sentimentos auto depreciativos (Agostinho, 2004). Neste

sentido, é comum os idosos terem necessidade de algum tipo de apoio, havendo a rede de apoio informal (família, amigos e vizinhança que prestam o auxílio necessário ao idoso) e a rede de apoio formal que age como substituto da família sendo representados essencialmente por instituições como lares, serviços de apoio domiciliário, centros de dia e centros de convívio (Guedes, 2007).

A institucionalização dos idosos é algo complexo uma vez que implica tensão familiar, sentimentos de culpa, de abandono, de perda, de confusão e, em alguns casos, dificuldade de adaptação. Estudos comprovam que a qualidade de vida dos idosos que dispõem de apoio mas que residem nas suas próprias casas é mais elevada do que a qualidade de vida dos idosos residentes em lares (Coimbra et al. citado por Carvalho & Dias, 2011: 166). Desta forma, quando a dependência dos idosos é ainda reduzida ou média, ou têm apoio e acompanhamento durante a noite, é recorrente a ingressão em Centros de Dia onde se conjugam os apoios prestados pela família/amigos e os da instituição, podendo-se evitar que os idosos tenham que permanecer sozinhos e isolados nas suas casas durante o dia e, concomitantemente, que sejam "obrigados" a abandonar as suas casas de forma permanente (José & Wall, 2006).

De acordo com Agostinho (2004), uma boa relação com a família é algo vital e extremamente significativo para o idoso, uma vez que é recorrente, através das várias perdas que vai experimentando ao longo da sua vida, que os sentimentos de inutilidade, indesejabilidade e de marginalização surjam. Se a relação for positiva, o idoso sente-se respeitado, amado e integrado na família, identificando-se com o seu papel de ancião no seio familiar, não perdendo a sua auto-estima, dignidade e noção do Eu. A preservação dos laços afectivos familiares são fundamentais à sanidade do aparelho psíquico, permitindo a manutenção de fluxos de investimentos em objectos externos e, conseqüentemente, a conservação da sua subjectividade (Altman, 2011). Em suma, para que o idoso possa viver a sua velhice de uma forma respeitável, conservando o interesse pelo futuro, é imprescindível que seja capaz de se identificar com os filhos, partilhando amor, para desta forma conseguir encarar a morte com mais naturalidade e de forma menos persecutória, mantendo a unicidade entre o passado e o presente (Grinberg, 1976).

Segundo Hartmann (citado por Grinberg, 1976), o Eu é tido em conta como a totalidade do sistema psíquico, em detrimento do *Self*, que é compreendido como sendo um conceito que diz respeito a si próprio. Já Heimann (citada por Grinberg, 1976) entende por Eu as forças e organizações psíquicas que levam a que o indivíduo se identifique, como são os sentimentos, emoções, impulsos, desejos, capacidades e fantasias. Por sua vez, Grinberg diferencia o Eu do *Self*, caracterizando o primeiro conceito como um conjunto de processos psicológicos que trabalham para satisfazer os impulsos internos e as exigências externas, organizando-os e regulando-os na sua relação com o *self*, enquanto se refere, na definição do segundo

conceito, às formas de o indivíduo reagir face a si próprio através de múltiplas acções e atitudes relacionadas com fenómenos intrapsíquicos e com a experiência interpessoal. A relação entre *Self* e Eu pode ser compreendida tendo em conta a distinção e a conservação das representações do primeiro sobre o segundo, das quais depende o sentimento de identidade.

2.5. De que modo a institucionalização desafia a identidade do idoso?

O conceito de identidade está interligado às noções de singularidade, conservação e estabilidade, sendo lógico concluir que quando essas noções e a existência única do indivíduo são postas em causa, ocorre uma ruptura da estruturação do *self*, sendo necessária a sua reelaboração. De acordo com Dubar (citado por Guedes, 2007: 77), a identidade de um indivíduo é o seu bem mais precioso, pelo que a sua perda acarreta sentimentos de alienação, angústia e sofrimento. Desta forma, e uma vez que a identidade é, como anteriormente referido, mutável e construída ao longo do tempo, não só tendo em conta a singularidade do indivíduo mas também as sucessivas socializações a que está sujeito, o contexto, os espaços, as relações e mesmo os objectos que possui assumem um significado e importância vitais para o idoso.

A ingressão numa instituição de longa permanência pode implicar não só uma perda da sua experiência e da sua vida, pois é uma altura em que se dá a ruptura com a realidade em que o idoso sempre esteve inserido e que lhe é familiar, bem como uma perda de autonomia e independência, uma vez que os idosos passam a residir em locais onde encontram uma "liberdade vigiada", partilhando os mesmos espaços de socialização e em alguns casos os espaços privados (deixando de ter direito à sua intimidade), perdem as suas referências nomeadamente através da obrigatoriedade de abandono das suas casas e à limitação da conservação das suas roupas e objectos nos lares, bem como pelo facto de serem todos tratados de forma igual. Tal pode conduzir a uma perda dos papéis sociais e individuais dos idosos, sendo muitas vezes forçados a moldarem-se à instituição devido à clara inadaptação desta face às necessidades de quem nela ingressa, o que aumenta os sentimentos de frustração, desapropriação e de isolamento.

Segundo Guedes (2007), o conceito de "casa" representa para o idoso não só o local onde viveu grande parte da sua vida, como também um espaço seguro, íntimo, individual e familiar, um local onde através da decoração, das memórias e das lembranças se reflecte a individualidade da pessoa. É portanto fundamental para a manutenção da sua identidade, saber quais os verdadeiros motivos que levam ao internamento do idoso e ter em conta a sua capacidade autónoma nessa decisão, pois a adaptação ao lar torna-se muito mais complicada quando a entrada é imposta. Nestes casos, é comum os idosos sentirem o afastamento da sua casa como uma ruptura com o seu espaço e com a sua identidade, contudo é relevante referir que, para outros, esta transição representa uma melhoria na sua condição de vida e na estabilidade

emocional e psicológica, nomeadamente por medo de eventualmente necessitarem de auxílio e de se encontrarem sós (Guedes, 2007).

De acordo com Singly & Mallon (citados por Guedes, 2007: 250), o que os idosos realmente ambicionam quando ingressam num ambiente de vida colectivo é serem tratados com autonomia e independência face às decisões sobre a sua vida, uma vez que as queixas mais comuns são a imposição de regras e normas da instituição sobre o que podem ou não fazer, quando podem sair, quando devem comer, entre outras, acabando por haver uma sobreposição daquilo que é mais conveniente tendo em conta os recursos da instituição em detrimento aos interesses e bem-estar dos idosos. Contudo, quando questionados acerca da sua opinião sobre as condições oferecidas pelas instituições, nota-se uma forte tendência em contornar as questões, inclusive em mostrar alguma indiferença ou conformismo à forma como são tratados, quer por temerem ser alvos de represálias por parte dos cuidadores, quer por acreditarem que não têm o direito de criticar o trabalho de quem cuida deles, visto serem as únicas pessoas que o fazem, sendo portanto difícil conseguir com toda a sinceridade, a opinião verbalizada dos idosos. Estudos comprovam que quanto maior for a liberdade e o controle que os idosos dispõem sobre as suas próprias vidas, melhores condições de saúde apresentam (Fragoso, 2008).

É de extrema importância nesta fase da vida do idoso a manutenção dos seus laços familiares e afectivos, uma vez que com a diminuição das suas capacidades adaptativas, aumenta a dependência e a necessidade de se agarrarem àquilo que conhecem e que lhes é familiar. Ora, o ingresso nos lares acompanhado pelos sentimentos de abandono e de esquecimento por parte dos seus entes queridos, são geradores de tristeza, revolta e mesmo de perda de sentido de vida, podendo levar à apatia, à depressão e à exclusão dos idosos (Anacleto et al., 2004).

Posto isto, procura-se conhecer de que forma é que a institucionalização pode afectar os diversos factores que constituem a identidade.

2.6. Objectivo do estudo e questões de investigação

Este estudo tem como objectivo explorar algumas dimensões da identidade que possam ser afectadas pela institucionalização em lares de idosos, visando possibilitar a sua averiguação no futuro. Tendo em conta a identificação de cinco dimensões da identidade encontradas na literatura, as questões de investigação são as seguintes: a) Será que o sentimento de identidade pessoal foi afectado após a institucionalização nos sujeitos em estudo? b) Será que a inadaptação às mudanças e lutos pode ter afectado o comportamento, a incapacidade de enfrentar os medos primários e, portanto, o sentimento de identidade nos idosos em estudo após a sua institucionalização? c) Será que a não consolidação do vínculo de

integração espacial pode ter afectado a percepção da unidade de corpo e posto em causa o sentimento de identidade pessoal dos idosos após a institucionalização? d) Será que o vínculo de integração temporal foi afectado nos idosos em estudo após a institucionalização, levando à incapacidade de reconhecimento da própria identidade ao longo do tempo? e) Será que o vínculo de integração social foi afectado após a institucionalização nos sujeitos em estudo?

3. Método

3.1. Tipo de estudo

O tipo de estudo presente neste trabalho é um estudo exploratório, sendo o método utilizado o método de estudo de caso (multicaso). O tipo de investigação desenvolvido é o qualitativo.

3.2. Participantes

Os quatro participantes que compõem este estudo são idosos residentes no Lar de Nossa Senhora da Caridade em Viana do Castelo (lar ao qual foi feito um pedido por escrito para permissão de colaboração - Anexo A), sendo dois do sexo masculino e dois do sexo feminino e as idades compreendidas entre os 68 e os 84 anos. No que concerne ao estado civil, dois dos participantes vivem em união de facto, outro é casado e outro viúvo. Relativamente à naturalidade dos participantes, um é proveniente de Coimbra, outro de Trás-os-Montes, outro de Castelo Branco e outro de Lisboa.

O método de escolha dos participantes foi aleatório e por conveniência.

3.3. Instrumento

Usou-se uma entrevista semiestruturada, de forma a conferir uma maior liberdade ao entrevistado para desenvolver as suas respostas, a partir de tópicos provenientes de uma análise de conteúdo da literatura que faziam apelo a cinco dimensões da identidade a explorar. São elas o sentimento de identidade pessoal, a mudança e o luto, o vínculo de integração espacial, o vínculo de integração temporal e o vínculo de integração social.

No que concerne à primeira dimensão, o sentimento de identidade pessoal, Grinberg define-o como sendo a ``capacidade para continuar a sentir-se o mesmo ao longo de sucessivas mudanças, implicando a

estabilidade através de circunstâncias diversas e de todas as transformações e mudanças da vida'' (Grinberg, 1976). Pode então dizer-se que tem identidade um indivíduo cujas partes componentes estejam suficientemente integradas na organização de um todo, de maneira que produzam um efeito de unidade e que, concomitantemente, possua características únicas que permitam distingui-lo de todos os outros. Na sua definição, o autor sublinha ainda que ''este sentimento implica a noção de um *self* que se apoie essencialmente na continuidade e na semelhança das fantasias inconscientes relativas às sensações corporais; às angústias e às emoções experimentadas pelo Eu; aos impulsos e afectos em relação ao mundo interno e ao externo; ao Supereu; ao funcionamento específico dos mecanismos de defesa e ao tipo particular de identificações assimiladas resultantes dos processos de introjecção e de projecção'' (Grinberg, 1976).

Relativamente à dimensão mudança e luto, esta caracteriza-se por uma inevitável incursão no desconhecido, o que implica que o indivíduo se comprometa com factos futuros não previsíveis e que enfrente as consequências que daí advêm. Inexoravelmente isso provoca sentimentos de angústia e depressão, e a tendência para se apegar ao conhecido e ao familiar e sucumbir à compulsão repetitiva de evitar o novo. Isto pode abalar o seu sentimento acerca da ''identidade'' do mundo externo e, simultaneamente, o sentimento de identidade do *self*, conduzindo a uma angústia face à mudança que leva à necessidade de reassegurar-se de que tudo permanece igual, de que as estruturas não se modificam, já que isso implica uma ameaça ao seu sentimento de identidade. Na luta contra as angústias persecutórias, o *self* dissocia-se ou fragmenta-se, e as suas partes separam-se ou são projectadas para fora. Com muita frequência, o Eu teme que essas partes nunca mais voltem, sentindo-as como perdas definitivas. Para realizar uma boa elaboração do luto relativa à vivência de perda dos objectos é indispensável ter podido elaborar previamente, de modo satisfatório, o luto pela perda das partes do *self*. Desta forma o indivíduo encontrar-se-á em melhores condições para enfrentar e superar a angústia e a depressão determinadas pelas experiências de mudança.

O vínculo de integração espacial é caracterizado por Grinberg (1976) como sendo um dos factores mais importantes que constitui a formação da identidade, uma vez que está directamente relacionado com a individualização, isto é, com a crescente consciência de si mesmo. O autor justifica a importância conferida a esta dimensão afirmando que ''a noção de corpo é essencial para a consolidação da identidade do indivíduo'' (Grinberg, 1976), sendo que é a percepção do corpo como unidade que vai permitir a noção de limite entre o Eu e o Mundo.

Por sua vez, o vínculo de integração temporal, relaciona-se directamente com o sentimento de autenticidade, isto é, com a capacidade de o indivíduo se manter autêntico e verdadeiro relativamente aos seus sentimentos e ao seu *self*. De acordo com Grinberg (1976) o sentimento de identidade de um indivíduo tem por base as recordações das experiências

passadas, ao mesmo tempo que são configuradas novas recordações que permanecem armazenadas no inconsciente. Estas recordações incorporadas, assimiladas e automatizadas possibilitam o processo de aprendizagem e o reconhecimento da própria identidade através do tempo.

O vínculo de integração social refere-se, como o nome indica, “à conotação social da identidade e é dado pela relação entre aspectos do próprio indivíduo e aspectos do objecto” (Grinberg, 1976). Desta forma, torna-se impossível dissociar o indivíduo e a sociedade, já que ambos estão igualmente representados na natureza íntima do Eu e do Supereu. Portanto, Freud refere-se ao Supereu no sentido em que a sociedade, com toda a complexidade das suas instituições, converte-se numa entidade interna assimilada à estrutura íntima do indivíduo. Grinberg (1976) salienta ainda a importância do papel social, uma vez que é ele que permite vincular as pessoas entre si e em relação à sociedade, ao regular o comportamento individual com certas normas, valores e requisitos do grupo.

Posteriormente, e tendo em conta o objectivo da investigação, foi construído um guião com questões numa linguagem simples e perceptível para os participantes, através de um eixo de análise teórico, com o intuito de se explorar o máximo de informação possível. Após o primeiro esboço da entrevista, esta foi submetida à análise e avaliação por parte de peritos da área de estudo pretendida e da elaboração deste tipo de instrumento, na tentativa de detectar erros e permitir a sua correcção. Seguidamente foram aplicadas duas entrevistas exploratórias a idosos institucionalizados que, embora tivessem as mesmas características não foram incluídos na amostra, com o intuito de confirmar a clareza e o tipo de respostas às questões do guião.

3.4. Procedimentos

A todos os participantes, que foram indicados pela instituição após lhes ter sido inquirido acerca da sua disponibilidade e vontade de participar no estudo pela psicóloga do próprio lar, foi pedido que respondessem a um questionário que permitiu caracterizar pessoalmente cada elemento. Previamente à sua aplicação, foi explicado e pedido a cada participante a leitura atenta e a sua assinatura, se de acordo, de um documento de consentimento informado (Anexo B), o qual esclarecia os objectivos das entrevistas, garantia o anonimato e a confidencialidade total quer do participante quer das suas respostas assegurando a utilização dos dados recolhidos apenas para o fim académico. O mesmo documento solicitava ainda a participação voluntária dos inquiridos, bem como a permissão para a utilização de um gravador áudio no decorrer da entrevista.

Após aprovação final do guião da entrevista (Anexo C), procedeu-se à realização das entrevistas face a face, individualmente e em ambiente natural, o que permitiu não só estudar as respostas do participante, como também a sua linguagem corporal, o seu espaço no lar e a fidelidade e sinceridade dos esclarecimentos que iam sendo concedidos. Foi realizada uma entrevista a cada participante, tendo a sua duração média sido de cerca de duas horas por entrevista. Para tal, a instituição cedeu uma sala.

As entrevistas foram efectuadas da forma mais natural e menos dirigida possível, sendo colocadas as questões apenas quando era necessário direccionar novamente a conversa. As questões foram colocadas em voz alta, tendo-se estabelecido dessa forma um diálogo e uma relação empática entre o participante e a entrevistadora.

Após a realização de todas as entrevistas, procedeu-se à transcrição (Anexo D) imediata de todo o material recolhido, de forma a não perder as expressões faciais e corporais percebidas pela entrevistadora e as entoações dos participantes consoante se iam expressando, o que permitiu adquirir uma exposição mais precisa e compreensiva prevenindo enviesamentos face aos registos verbais e beneficiando posteriormente a análise de conteúdo.

4. Resultados

Os resultados obtidos a partir da análise de conteúdo efectuada permitiram identificar a existência de algumas categorias da identidade que podem ter afectado o sentimento de identidade dos idosos aquando da sua institucionalização, como se poderá constatar através do quadro 1 (página 18). Salientamos as seguintes:

- **Sentimento de perda de serventia social:**

Pôde observar-se, através da análise de conteúdo das entrevistas, que alguns participantes referiram sentimentos de alívio e de libertação aquando da perda do papel de indivíduo trabalhador. De acordo com os participantes, tal ter-se-á devido ao facto de terem adoptado novos papéis sociais proporcionadores de prazer e de ocupação como substitutos dos papéis sociais perdidos. Foi também referida a participação em diversas actividades lúdicas e ocupacionais, como são a pintura, a música, a ginástica e a correspondência entre os idosos do lar e os alunos de uma escola primária do concelho. Tal evidencia a manutenção dos sentimentos de serventia social, como aliás foi referido pelos participantes.

- **Sentimento de perda inevitável de capacidades que anteriormente o caracterizavam:**

Nesta categoria emergiram, através da análise de conteúdo, três subcategorias. São elas a deterioração da capacidade de execução de actividades físicas quotidianas, as alterações da percepção estética e corporal e a deterioração da saúde. No que se refere à primeira subcategoria, a maioria dos participantes referiram efectivamente sentir um agravamento da deterioração do corpo, nomeadamente na capacidade de efectuar as actividades físicas do dia-a-dia, como fazer caminhadas ou subir e descer escadas. Contudo, foi exposto pelos participantes que tal agravamento terá tido início antes da institucionalização e que o envolvimento em várias actividades diárias, como ginástica, música e actividades lúdicas os mantêmãos e ocupados, não permitindo uma acomodação nem uma deterioração corporal tão rápida. No que concerne às alterações da percepção estética e corporal, os inquiridos afirmaram notar diferenças no seu próprio corpo, particularmente em relação às mãos e à cara. No entanto, confessaram a inexistência de alteração do sentimento de identidade relacionado com as mudanças aos níveis corporal e estético, reiterando o gosto e o prazer em se arranjam, produzirem e bem vestirem, como o faziam previamente à institucionalização.

Também no que respeita à deterioração da saúde, os participantes declararam sentir a este nível um agravamento, nomeadamente nos momentos anteriores ao ingresso no lar. Alguns afirmaram mesmo ter sido esse o motivo da sua institucionalização. Foi igualmente declarado pelos participantes que o simples facto de conviverem e participarem em actividades, quer físicas, quer lúdicas, e também o facto de saberem que estão seguros e que têm quem os proteja e auxilie caso seja necessário, ajuda no reforço da autonomia e da auto-estima e na diminuição dos níveis de *stress* e ansiedade, consequentemente retardando a progressiva deterioração da saúde.

- **Capacidade de diferenciação de género e de percepção corporal:**

Através da análise de conteúdo pôde constatar-se que todos os participantes detêm a capacidade de diferenciação de género adquirida e, por conseguinte, uma percepção do próprio corpo e da sua delimitação interna e externa clara. Os inquiridos revelaram a aquisição de papéis sociais de acordo com o género e com o socialmente aceite, tendo em conta a sua época e sociedade, o que implica uma aprendizagem positiva relativamente à capacidade de perceber o seu corpo como uma unidade.

Contudo uma questão emergiu, ainda que de uma forma subtil, acerca da diferenciação de género, uma vez que, após a institucionalização, uma das

participantes começou a dedicar-se mais à música, principalmente a tocar bombos, enquanto um dos participantes se começou a dedicar mais à pintura.

- **Sentimento de continuidade e de autenticidade ao longo do tempo:**

No respeitante a esta categoria, a análise de conteúdo das entrevistas mostrou, de uma forma global, que todos os inquiridos conservavam um sentimento de continuidade e de autenticidade ao longo do tempo. Os participantes afirmaram terem-se mantido os mesmos ao longo do tempo e reconhecerem uma perpetuidade ao longo da sua vida, confirmando terem sido sempre constantes, idênticos e fiéis a si mesmos, o que produz neles sentimentos de orgulho em si mesmos.

- **Capacidade de manutenção das relações familiares após ingresso no lar:**

Pela análise de conteúdo realizada, pôde constatar-se nesta categoria que, de uma forma geral, todos os participantes mantiveram as relações com os seus familiares, mesmo após o ingresso na instituição. Foi relatado pelos inquiridos a preservação de laços familiares saudáveis, de visitas frequentes e a conservação do interesse dos familiares pelo seu bem-estar. Porém um dos participantes salientou sentimentos duais pelo facto de manter uma relação extremamente unida a um dos filhos e pelo rompimento da relação com outro filho. Apesar disso, nenhum participante referiu ter sentido qualquer alteração negativa no relacionamento familiar após o ingresso no lar, tendo alguns mencionado precisamente o contrário, isto é, o reforço da relação familiar após a institucionalização.

- **Perda de livre arbítrio:**

A análise de conteúdo efectuada mostra que, no que diz respeito a esta categoria, os participantes revelam ter sentimentos contraditórios. A maioria dos participantes referiu ter tanta liberdade de escolha e de decisão após a institucionalização como tinha antes de tal ocorrer. Referiram, entre outras coisas, ter tomado a decisão de ingresso no lar por vontade própria, ter poder de escolha na participação das actividades oferecidas pela instituição, ter liberdade para sair e entrar do lar de forma autónoma, poder fazer as suas compras e decorar o quarto com objectos pessoais e poder gerir o próprio dinheiro, como o faziam antigamente.

No entanto, um participante referiu sentir a sua liberdade posta em causa, não pela institucionalização em si, mas pelo facto de a sua esposa ser bastante doente e dependente de si, não aceitando ficar no lar acompanhada pelos funcionários, enquanto antes do ingresso no lar a podia deixar com a filha. Tal provoca sentimentos de liberdade condicionada, uma

vez que, com a perda de autonomia da esposa, o participante experimenta um sentimento de perda de liberdade e frustração. Todavia nenhum dos participantes do estudo referiu ter sentido uma perda de livre arbítrio com a institucionalização, relatando que continuam a fazer agora o que faziam antes.

Dimensões da Identidade a Explorar	Categorias da Identidade	Subcategorias da Identidade	Conteúdos
Formação e Sentimento de Identidade			
Mudanças e Luto	Sentimento de perda de serventia social		<ul style="list-style-type: none"> • ``Senti alívio, sabe porquê? (...) porque eu praticamente estava sempre de serviço, sabe?'' EM2
	Sentimento de perda inevitável de capacidades que anteriormente o caracterizavam	Deterioração da capacidade de execução de actividades físicas quotidianas	<ul style="list-style-type: none"> • `` (...) se for apanhar uma subidinha já tenho que andar devagar, subir escadas, até já estou a ficar cansada aqui de falar...'' EF1
		Alterações da percepção estética e corporal	<ul style="list-style-type: none"> • `` Se tivesse uma fotografia minha de como era e uma fotografia de agora não dizia que era eu!'' EF3
		Deterioração da saúde	<ul style="list-style-type: none"> • `` Porque todos os dias aparece uma coisinha [doenças, dores]... E são coisas que mesmo que queira não posso evitar porque... é natural'' EM2
Vínculo de Integração Espacial	Capacidade de diferenciação de género e de percepção corporal		<ul style="list-style-type: none"> • ``Eu fui uma dona de casa a 100%...'' EF1 • `` (...) trabalhei 42 [anos]... desde criança, vá lá!'' EM2
Vínculo de Integração Temporal	Sentimento de continuidade e de autenticidade ao longo do tempo		<ul style="list-style-type: none"> • `` Acho que fui sempre, fui... (...) acho que eu que não mudei de personalidade, não é?'' EF1
	Capacidade de manutenção das		<ul style="list-style-type: none"> • 17, E nunca mais quis saber [o filho]! Nem de mim nem

	relações familiares após ingresso no lar		<p>da mãe...'' EM4</p> <ul style="list-style-type: none"> • `` Vêm-me aqui buscar sempre...'' EF3
Vínculo de Integração Social	Perda de livre arbítrio		<ul style="list-style-type: none"> • `` Olhe custou-me muito... (...) porque sinto a falta da minha liberdade (...) é que tenho sempre que acompanhar a minha mulher, não é?'' EM4 • `` Porque eu é que dei a opção de vir para aqui... ninguém obrigou nem fui obrigado a vir... Fui eu que tomei a opção mais a minha mulher!'' EM2

Quadro 1: Principais Categorias Encontradas na Análise de Conteúdo

5. Discussão e Considerações Finais

Contrariamente ao esperado verificou-se através da análise de conteúdo efectuada que a entrada na instituição não parece ter produzido alterações significativas no sentimento de identidade dos participantes deste estudo.

De acordo com Pichon-Rivière (citado por Grinberg, 1976) a ruptura do indivíduo com determinado papel social pode levar a uma perda mental ou física, podendo mesmo pôr em causa o sentimento de identidade. Ora, neste estudo verificou-se que, aquando da perda do papel social, os participantes foram capazes, já após o ingresso no lar, de substituir e adquirir novos papéis sociais de forma a preservar os sentimentos de serventia e de pertença social.

No estudo desenvolvido por Cardão (citada por Fernandes, 2010:61), concluiu-se que o modelo de cuidados mais adoptado pelas instituições privilegia a tarefa do cuidar e não a de ouvir e estimular, o que poderá promover sentimentos de passividade e de melancolia, ao invés de responsabilizar e sensibilizar o idoso para o exercício quer físico, quer mental. Tal não se verificou neste estudo, uma vez que os participantes afirmaram usufruir das actividades, quer lúdicas, quer físicas oferecidas pelo lar, o que os mantém saudáveis, impossibilitando-os de se acomodarem e, concomitantemente, atrasando a deterioração corporal e o agravamento das doenças.

Relativamente à capacidade de os idosos sentirem que permanecem os mesmos ao longo do tempo e de sucessivas mudanças na vida, nomeadamente com o ingresso na instituição, não se verificaram quaisquer irregularidades relevantes, tendo os participantes referido terem sido constantes ao longo do tempo.

No respeitante a esta categoria, a análise de conteúdo das entrevistas mostrou, de uma forma global, que todos os inquiridos conservavam um sentimento de continuidade e de autenticidade ao longo do tempo. Os participantes afirmaram terem-se mantido os mesmos ao longo do tempo e reconhecerem uma perpetuidade ao longo da sua vida, confirmando terem sido sempre constantes, idênticos e fiéis a si mesmos, o que produz neles sentimentos de orgulho em si mesmos.

De acordo com Pereira (2008) a socialização é um aspecto fundamental para os idosos institucionalizados, uma vez que a partilha de afectos positivos é geradora de grupos sociais saudáveis, eficazes e agradáveis, sendo esta interacção basilar nos processos de construção identitária dos indivíduos. Daqui advém a importância da manutenção das relações familiares aquando da institucionalização dos idosos. Pela análise de conteúdo, foi possível perceber que a maioria dos inquiridos considera ter beneficiado com a institucionalização, no sentido em que consideram ter sentido um reforço no relacionamento e na preocupação dos familiares face a si mesmos.

Contudo, algumas questões relativas ao sentimento de perda de identidade em idosos institucionalizados podem não ter ficado muito claras nas entrevistas, mas podem ser aprofundadas em estudos futuros, nomeadamente a capacidade de diferenciação de género e de percepção corporal e o sentimento de perda de livre arbítrio.

Martins e Hoffmann (2007) indicam, através de estudos efectuados, a existência clara de uma diferenciação dos papéis socialmente atribuídos tendo em conta o género, o que remete para uma evidente identificação dos indivíduos com os significados atribuídos à masculinidade e à feminilidade pelos padrões sociais e comportamentos a adoptar tendo em conta a época (Grinberg, 1976). Os resultados obtidos a partir da análise de conteúdo efectuada vão de encontro a este estudo, tendo sido revelada a capacidade dos participantes de diferenciar não só os papéis sociais tendo em conta o seu género, como também a capacidade de compreensão do seu corpo enquanto unidade. Contudo, e ainda que tenuemente, verificou-se que após a institucionalização, dois participantes parecem ter começado a adoptar papéis atribuídos ao género oposto, o que vem contradizer o estudo acima referido.

Num estudo acima citado de Singly & Mallon (citados por Guedes, 2007: 250) que refere que aquando do ingresso dos idosos em lares estes se queixam principalmente da falta de autonomia e independência e da imposição das regras e normas da instituição, tal não se corroborou neste estudo, verificando-se, inclusivamente, o oposto. Os idosos inquiridos referiram ter liberdade para fazer as suas próprias escolhas no que concerne às suas vidas e ter independência e autonomia na escolha das actividades a realizar, sentindo que os serviços vão de encontro às suas necessidades básicas. É de referir, ainda, que todos os idosos inquiridos apresentam independência face à gestão do seu dinheiro, o que permite a manutenção das suas actividades instrumentais de vida diária, havendo alguns que mantêm a sua própria casa, contrariando o estudo de Coimbra et al. (citado por Carvalho & Dias, 2011: 166), que refere que a qualidade de vida é mais elevada em idosos que residem nas suas próprias casas comparativamente à qualidade de vida dos idosos residentes em lares.

Uma das grandes limitações deste estudo prende-se na reduzida dimensão de participantes no estudo, bem como no facto de todos eles serem provenientes da mesma instituição, confinando-se as conclusões apenas a estes participantes e não sendo possível fazer generalizações mais extensivas. Também a inexistência de questionários ou outras formas de avaliação psicológica que permitissem avaliar a perda da identidade pessoal dos idosos institucionalizados, foi uma limitação na opção inicial deste trabalho, inicialmente pensado como um trabalho de investigação quantitativa, pelo que a opção alternativa levou à realização de uma investigação qualitativa, através de um método de estudo de caso, mais precisamente um estudo multicaso. Outra dificuldade encontrada relaciona-se com a inexperiência da mestranda em realizar e recolher informação através

da entrevista, o que deixou algumas fendas na recolha da informação e, consequentemente, na sua análise.

Pretende-se com a informação recolhida através deste estudo, abrir portas de forma a possibilitar e facilitar futuras investigações que abordem esta temática, bem como para a futura realização de instrumentos de avaliação psicológica que permitam aprofundar o estudo deste tema que, na opinião da mestranda, é de extrema importância não só para a consciencialização relativamente à forma de acolhimento e de integração dos idosos em lares, mas também como forma de poder melhorar a qualidade de vida dos idosos institucionalizados, uma vez que é uma temática ainda pouco explorada e que a população idosa está claramente a aumentar.

6. Referências Bibliográficas

- Agostinho, P. (2004). Perspectiva Psicossomática do Envelhecimento. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, nº 1 (6), pp. 31-36.
- Altman, M. (2011). O envelhecimento à luz da psicanálise. *JORNAL de PSICANÁLISE*, nº 44 (80), pp.193-206.
- Anacleto, M., Souza, A., Angelis, G., & Pereira, M. (2004). A Mortificação do Eu: Vivências Psicológicas de Idosos Institucionalizados. *Revista da Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*, nº 5 (5), pp. 50-55.
- Bardin, L. (1997). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Benedetti, T.B., Petroski, E.L., & Gonçalves, L.T. (2003). Exercícios físicos, auto-imagem e auto-estima em idosos asilados. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, nº 2 (5), pp. 69-74.

- Boeree, C.G. (1998). *Teorías de la Personalidad - Erik Erikson*. Acedido em Dezembro 13, 2011, em <http://www.psicologia-online.com/ebooks/personalidad/erikson.htm>
- Carvalho, M.P., & Dias, M.O. (2011). Adaptação dos Idosos Institucionalizados. *Millenium*, n° 40, pp. 161-184.
- Censos (2011). Resultados Pré-definidos. *Instituto Nacional de Estatística (INE)*. Acedido em Dezembro 19, 2011, em www.ine.pt
- Costa, E.C., Nakatani, A.Y.K., & Bachion, M.M. (2006). Capacidade de Idosos da Comunidade para Desenvolver Atividades de Vida Diária e Atividades Instrumentais de Vida Diária. *Acta Paulista de Enfermagem*, n° 19 (1), pp. 43-48. Acedido em Dezembro 17, 2011, em <http://www.scielo.br/pdf/ape/v19n1/a07v19n1.pdf>
- Coudin, G., & Alexopoulos, T. (2010). "Help me! I'm old!": How Negative Aging Stereotypes Create Dependency among Older Adults. *Aging & Mental Health*, n° 5 (14), pp. 516-523.
- Fernandes, S.L.C. (2010). *Vivências em lares de idosos: Diversidade de Percursos - Um Estudo de Caso*. Dissertação de Mestrado em Gerontologia Social. Universidade Portucalense, Porto.
- Fortin, M.F. (2009). *Fundamentos e Etapas do Processo de Investigação*. Lusodidacta: Loures.
- Fragoso, V. (2008). Humanização dos Cuidados a Prestar ao Idoso Institucionalizado. *Revista Instituto de Gestalt-Terapia na Rede*, n° 8 (5), pp. 51-61.
- Grinberg, L., & Grinberg, R. (1976). *Identidade e Mudança*. Climepsi Editores: Lisboa.
- Guedes, J. (2007). *O Internamento em Lar e a Identidade dos Idosos*. Dissertação de Mestrado em Ciências do Serviço Social - Gerontologia Social. Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto, Porto.
- Guedes, J. (2008). Desafios Identitários Associados ao Internamento em Lar. *VI Congresso Português de Sociologia - Mundos Sociais: Saberes e práticas*. Universidade Nova de Lisboa.
- Jacob, L. (2002). *O idoso e a Comunidade - respostas sociais*. Acedido em Janeiro 12, 2012, em <http://www.portaldoavo.com.pt/artigosa.php?id=2>
- José, J.S., & Wall, K. (2006). Trabalhar e Cuidar de um Idoso Dependente: Problemas e Soluções. *Actas dos Ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia*. Acedido em Dezembro 17, 2011, em http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4628cf21f1b41_1.pdf
- Jungers, C.M. (2010). Leaving Home: An Examination of Late-life Relocation among Older Adults. *Journal of Counseling & Development*, (88), pp. 416-423.

- Marshall, E., & Mackenzie, L. (2008). Adjustment to Residential Care: The Experience of Newly Admitted Residents to Hostel Accommodation in Australia. *Australian Occupational Therapy Journal*, nº 55, pp. 123-132.
- Martins, F.E., & Hoffmann, Z. (2007). Os papéis de gênero nos livros didáticos de ciências. *Ensaio - Pesquisa em Educação em Ciências*, nº 1 (9), pp. 1-20. Acedido em Dezembro 17, 2011, em <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=129516644009>
- Navarro, F.M. (2006). Convivência Familiar e Independência para Atividades de Vida Diária entre Idosos de um Centro de Dia. *Cogitare Enfermagem - Revista do departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Paraná*, nº 11 (3), pp. 211-217.
- Oliveira, J.H.B. (2008). *Psicologia do Envelhecimento e do Idoso*. Livpsic / Legis Editora: Porto.
- Paúl, C. (2005). *Envelhecimento activo e redes de suporte social*. Acedido em Dezembro 13, 2011, em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3732.pdf>
- Pereira, F.A. (2008). *A importância da manutenção relações familiares para o idoso institucionalizado*. Acedido em Dezembro 19, 2011, em https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3626/3/Artigo%20R_TG2.pdf
- Plano Nacional De Saúde (2011). Estratégias para a Saúde: II) Perfil de Saúde em Portugal (Versão Discussão) 2011 - 2016. *Plano Nacional de Saúde (pns)*. Acedido em Dezembro 19, 2011, em http://pns.dgs.pt/files/2011/02/psp_15-04-2011.pdf
- Rey, E.B., & Thá, F. (2010). *Divisão do Eu no Idoso*. Acedido em Dezembro 14, 2011, em http://www.dombosco.sebsa.com.br/faculdade/revista_5ed/arquivos/pdf/junho2010_artigo.pdf
- Sequeira, C. (2010). *Cuidar de Idosos com Dependência Física e Mental*, Lidel Edições Técnicas Lda.
- Tenenbaum, D. (2004). *O Eu, os Objetos e a Identidade*. Acedido em Dezembro 14, 2011, em <http://www.tenenbaum.com.br/cv/identidade.pdf>
- Vaz, E. (1998). Mais idade e menos cidadania. *Análise psicológica*, nº 4 (XVI), pp. 621-633. Acedido em Dezembro 17, 2011, em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v16n4/v16n4a07.pdf>

~~AKS~~

Anexo A - Ofício de Solicitação do Lar

Exmo. Senhor

Director do Lar de Nossa Senhora da Caridade

Eu, Inês de Lima e Lemos Guedes Lousa, portuguesa, solteira, estudante de Psicologia Clínica no Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA), residente na Rua 18 de Junho, nº 32, 3º Dto, 4935 - 089, Darque, Viana do Castelo, sirvo-me do presente para solicitar a Vossa Excelência autorização para poder recolher, junto dos vossos utentes, informação através de inquérito com a finalidade de realizar a dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, cujo tema é ``A perda de Identidade em Idosos - estudo comparativo entre idosos institucionalizados em lares e em centros de dia``.

Agradeço, desde já, a disponibilidade e fico a aguardar resposta.
Sem outro assunto de momento, apresento os meus melhores cumprimentos.

Viana do Castelo, 8 de Fevereiro de 2012

Inês Lousa

Anexo B - Consentimento Informado

Consentimento Informado

Este documento serve para solicitar a disponibilidade para a realização de uma entrevista e utilização de um gravador áudio no decorrer da mesma, bem como para esclarecer o objectivo da mesma.

Pelo facto de estar a ser feita uma tese de mestrado pela aluna Inês Lousa em psicologia clínica, frequentadora do Instituto Superior de Psicologia Aplicada - Instituto Universitário de Lisboa, é solicitada a participação de quatro idosos institucionalizados para responderem a uma breve entrevista, conduzida pela aluna acima mencionada, que tem como objectivo máximo compreender, através de um estudo qualitativo multicaso, ''A perda da identidade pessoal em idosos institucionalizados''.

Desta forma, os principais objectivos desta entrevista são:

- Conhecer a percepção que o próprio idoso tem face à sua própria identidade pessoal;
- Perceber se e como a identidade pessoal dos idosos pode ser afectada pela institucionalização;
- Compreender de que forma foram elaboradas e qual o grau de maturidade dos idosos face às mudanças e lutos ocorridos ao longo das diversas fases de vida.

Garante-se o total anonimato e confidencialidade quer do participante quer das respostas dadas, sendo estas utilizadas unicamente para fins académicos. A participação neste estudo deve ser totalmente livre e pessoal, não havendo qualquer tipo de sanções para quem não deseje colaborar.

Ao assinar este documento, estou a dar autorização para ser entrevistado.

Data

(Assinatura do Entrevistado)
Entrevistador)

(Assinatura do

Anexo C - Guião da Entrevista

''A perda da identidade pessoal em idosos institucionalizados'' -
Entrevista semiestruturada

Idade: _____

Estado Civil: _____

1. História Pessoal:

- 1.1. Como era constituída a sua família, quando era criança? (pais, irmãos, mais velhos, mais novos...)
- 1.2. De que forma caracteriza a sua relação, na infância, com os seus pais?
- 1.3. Costumava ajudar nas tarefas de casa? Quais os papéis que lhe eram atribuídos?
- 1.4. Quais eram as suas brincadeiras preferidas de criança?
- 1.5. Quando era criança, lembra-se de alguma situação que o/a tenha perturbado ou feito questionar da sua identidade, isto é, que o/a tenha feito questionar ``quem sou eu''?
- 1.6. E quando se tornou num/a jovem?
- 1.7. Durante a sua juventude, pertenceu a algum grupo social onde sentisse que se podia exprimir livremente, ou que soubesse que tinham um qualquer interesse em comum, como afirmação da sua identidade?
- 1.8. Considera que durante a sua vida correspondeu sempre áquilo que era esperado de si, pela sua família e pela comunidade?
- 1.9. Como foi sentida por si a transição de solteiro/a para a vida de casado/a?
- 1.10. Como foi sentido o nascimento dos seus filhos?
- 1.11. A sua família é constituída por quem? (filhos, netos...)
- 1.12. Ao longo do tempo, o seu corpo foi naturalmente sofrendo alterações (rugos, cabelos brancos, dificuldades de locomoção...). Como se sente face a elas, isto é, considera-se a mesma pessoa ou acha que o seu corpo lhe é ``estranho''?
- 1.13. Quando se olha ao espelho, há alguma parte do seu corpo que lhe cause estranheza ou que lhe custe a considerar como sua?
- 1.14. Qual é/era a sua profissão?
- 1.15. Actualmente encontra-se reformado/a?
- 1.16. Quais foram os seus sentimentos aquando da sua reforma?
- 1.17. Quando pensa em si no presente e no futuro, e tendo em conta o seu passado, considera que ao longo do tempo foi sempre a mesma pessoa?
- 1.18. Como é que sentiu a sua passagem de criança/jovem para a vida adulta?
- 1.19. Costuma pensar na morte?
- 1.20. Quando pensa na morte, como é que isso o/a faz sentir?

2. Institucionalização:

- 2.1. Qual/quais as razões para a sua ingressão no Lar?
- 2.2. De quem foi a decisão da sua vinda para o Lar?
- 2.3. Como é que isso o/a fez sentir? (caso não tenha sido o próprio a optar pela institucionalização)
- 2.4. Com quem residia antes de vir para o Lar?

- 2.5. Quais foram os seus sentimentos quando se mudou para o Lar?
- 2.6. Sente que as suas opiniões, vontade e necessidades são tidas em conta e satisfeitas aqui no Lar?
- 2.7. Costuma receber visitas de familiares e amigos com frequência?
- 2.8. Sente que os seus familiares o/a tratam com o respeito que considera que merece?
- 2.9. Quais os seus sentimentos relativamente a este Lar? E às pessoas que aqui trabalham?
- 2.10. Costuma relacionar-se com as outras pessoas que aqui estão institucionalizadas ou tem mais tendência para se isolar? (se a resposta for o isolamento, porquê?)
- 2.11. Sente que já faz parte deste Lar?

Anexo D - Transcrição das Entrevistas

Entrevistas com os idosos - Transcrição N° 1

Idade: 80

Estado Civil: União de Facto

Sexo: Feminino

Sra. - eu tenho 80 anos

E - é uma jovem!

Sra. - sou sou... (risos)

E - então e é casada?

Sra. - não não... estamos em união de facto

E - então olhe, eu ia-lhe pedir, antes de mais, que me falasse um bocadinho de si. Pode ser?

Sra. - eu fui casada 46 anos mas depois estive viúva, estive 5 anos viúva, e depois cruzei-me com este senhor e eu não pensava... bem... pronto não pensava encontrar outro marido, mas pronto, isto foi um amor à primeira vista. E depois acontece que nos sentimos bem um com o outro e foi de acordo, tenho um filho, tenho uma nora, tenho os meus netos e... entretanto já homens, não é?! Um tem 30 anos e é advogado e o outro tem 33 e também é licenciado em... em... em design. Aquilo não dá nada, não é? Mas ele trabalha com o pai em seguros e pronto, tenho dois netos já homens, e o meu filho e a minha nora e ninguém ficou triste e nós estamos felizes.

E - ainda bem, isso é que é preciso!

Sra. - o meu filho trabalha nos seguros e a minha nora também ali na Zurich. São estes! (mostra fotos). Olhe eu sou da Lousã do distrito de Coimbra e o meu marido é de Castelo Branco. É sim, e lá andou ele, e teve duas mulheres e portanto eu sou a terceira. Não é orgulho nenhum, não. O marido ficou viúvo e pronto, depois encontrou uma senhora que ele contratou para tratar dos meninos, mas acabou, por respeito para com as crianças, casou com ela. Assim estava mais perto não é? E foi assim... (risos). Depois essa morreu e pronto, estou eu aqui.

E - pois é, dá muitas voltas o mundo.

Sra. - ele (o marido) ganhava muito por fora, sabe? Mas pronto, ele venceu todas as dificuldades e agora estamos os dois juntos e o passado é para esquecer

E - não não, hoje vai ser para reviver... está bem?

Sra. - (risos) está bem, está bem...

E - então pronto, então olhe, diga-me uma coisa... como é que era a sua família quando era pequena? como é que era a sua vida quando era pequena?

Sra. - a minha vida era boa, eu era filha única, e o meu pai veio para cá... os meus pais vieram para cá para vender azeite, eram os azeiteiros, haviam azeiteiros aqui na rua e nós na Meadela vendíamos até Lanheses, perto de Ponte de Lima, havia outro em ponte de Lima mas eram ambulantes, está a ver? Tinham uma burra, uma carroça para vender azeite e pão, e depois o meu pai... e aquilo era de... como a gente vinha da aldeia, antigamente não haviam industrias não havia nada, as pessoas trabalhavam na fazenda, não é? E acontece que eles pegavam e iam um ano ou dois trabalhar por conta de outro, tinham um patrão para aprender, e depois estabeleciam-se. Ora estabeleciam-se e depois arranjavam um outro. E depois arranjavam um outro, ao fim de um ano iam trabalhar para a terra e depois ficava o sócio a trabalhar nas terras, e era assim...

E - iam-se revezando...

Sra. - é... é isso assim... depois eu casei. Depois que eu casei é que o meu pai veio cá para a terra e ficou cá sempre comigo, o meu pai e a minha mãe, já tínhamos mercearia e depois ele passou a parte do azeite para outro, depois já não andava na rua... e depois assim foi, estive lá muitos anos, eu a vender na mercearia e também fazia uns arranjos e renda e também fazia costura, tudo... e também ajudava... Antes o negócio não era assim gente de lado nenhum... nós é que ajudávamos o meu pai e fazíamos outras coisas, às vezes cuidávamos dos animais e tratávamos de tudo... às vezes ele tinha que vir a viana e eu é que ficava lá e foi assim a minha vida... e sempre a trabalhar dentro da toca, nem namorar namorei! Nem namorar namorei fora do alpendre. Porque aquilo era... era muito isolado, não é?

E - portanto a senhora tinha determinados papéis que tinha que fazer...

Sra. - sim, tudo, eu fazia tudo! Eu fui uma dona de casa a 100%...

E - desde pequenina?

Sra. - hum... desde pequenina não que eu fui criada mimada, eu fui muito bem criada, graças a deus, muito bem vestida, muito bem calçada, sempre vestida como me visto hoje, de casaquinho comprido, os casaquinhos de malha que a minha mãe me fazia... eu dou graças a deus, nós vivíamos razoavelmente... era, pois, era... eu gostava muito do meu pai...também gostava da minha mãe mas quer se dizer, eu aprendi a fazer tudo! E depois estava dentro de casa e fazia tudo. A minha mãe cozinhava, tínhamos o negócio e a minha mãe cozinhava e eu ia ali ajudar, porque nós também servíamos comida para fora... para fora isto é, vinham os homens das fábricas comer a nossa casa, as sopas, outros queriam sopa e prato... a vida antes era muito pobre filha... outros traziam qualquer coisinha dentro de uma saquinha, um bocado de bacalhau frito, e comiam uma sopinha por 5 tostões naquela altura, outras sopinhas daquelas normais como as que comemos aqui a 10 tostões e a gente cozinhava uma panela de sopa, fazia-se uma sopa muito boa que nós também comíamos... e tudo isso dá muito trabalho. Criavam-se animais, criavam-se coelhos, criavam-se galinhas, frangos para matar e isso tudo, tudo... e nós dentro das casas mexíamos em tudinho... e ainda se ia ao rio que não havia água em casa e ia-se à fonte, e o rio era mesmo ali à beira de onde é o continente... não podíamos ir muitas vezes ao rio porque o meu pai não se prendia muitas vezes em casa e depois ele vinha e eu ia ter com a minha mãe e ela trazia uma bacia e eu outra e a minha mãe quando trazia só uma bacia para casa dizia-me para levar a roupa para casa e pôr num terreno que na altura tínhamos... e já me estou a adiantar um bocado, mas foi assim... e depois às vezes a minha mãe ainda vinha do rio por uma horta para apanhar umas couves e assim, e no entanto eramos umas senhoras, pelo menos aqui em viana, porque eram todos muito muito pobres, só calçavam chinelos para a festa ou para domingo, portanto nós eramos senhoras. No entanto a minha mãe usava casacos de astracã e usava saias e ela não se cansava de dizer que quando se casou tinha 5 pares de sapatos que lhe custaram ao meu avô 110 escudos cada par de sapatos... isso na altura era uma fortuna! E por isso eu fui-me

vestindo e a minha mãe também era moça e fazia isso tudo, a minha mãe já esteve com o meu avô num negócio, que o meu avô era armazenista em Águas santas, foi até onde eu nasci, e as filhas iam estando e os rapazes mais velhos a ajudar, e as outras na terra com a mãe! E ele quando voltava até era frequente, e vestia as filhas, vestia as meninas todas e vestia a mulher, ele dava vestidos às filhas e vestidos à mulher, é o meu avô era assim, era uma pessoa... a minha avó não tinha muita cultura mas era muito inteligente! O meu avô já era uma pessoa culta e apreciava muito a mulher, ela, na nossa terra não se trabalha assim muito no campo, apanha-se uma erva, apanham-se uns feijões, mas não se anda de enxada porque a nossa terra é muito dura! Aquilo tem que ser cavada com agulhões e assim... onde podem ir os bois, fazem a lavra, onde não pode ir, não pode ser cavado por nós... e foi assim, eu fiquei também com a minha mãe, mas no fundo fazia tudo... mas também já tinha o meu cabelinho de permanente, eu já envernizava as unhas, portanto usei sempre casaco comprido e usei sempre os meus sapatinhos, e agora menina, a minha mãe mandava-me fazer aqueles vestidos bonitos e eu andava muito bonita, de lacinhos iguais, é verdade é... Eu graças a deus, não era dizer assim ``oh mãe eu quero isto'' e ela dava, não senhor, havia muita falta mas quando eu precisava de vestir fazia assim, comprava uma coisa jeitosinha e fazia ou mandava fazer e era assim, muito lentamente, não era como agora... a maneira de vestir era diferente...

E - e em termos de brincadeiras?

Sra. - brincava com a minha mãe! Pois, às casinhas... a minha mãe fazia serviço mas também fazia camisolas ou costurava, ou à máquina ou à mão, e eu pronto, a minha mãe era minha comadre e eu perguntava-lhe ``não quer que eu faça umas sardinhas?'' e a minha mãe era assim ``traz-se, traz-me uma dúzia de sardinhas!'' e eu ia ao quintal com uma cestinha à moda de Coimbra, até tenho uma em casa, e eu levava o cestinho e ia à oliveiras, chegava debaixo das Oliveiras e as folhas que estavam no chão eram as sardinhinhas... e assim... e depois também me sentava ao lado da minha mãe e também já sabia fazer muita coisa, e ensinava-me o ``aeiou'' e ensinou-me assim as primeiras letrinhas... pronto... era assim... tinha uma menina que morava ao meu lado na minha terra, mas isso eram casa assim... eram casas distantes, não é?

Ela vivia desviado de mim para aí uns 50 metros, era precisamente da minha idade... era da minha idade mas trabalhava mais que eu, porque o pai era muito rico, tinha muitos terrenos, muitas coisas e ela tinha que... funções diferentes... e volta e meia a mãe ia à feira a Coimbra ou Miranda e ela encontrava-se sozinha e assim e nessa altura brincávamos e ela tinha assim caixas de azeitonas cheias, e ela punha assim uma tigela de azeitonas e nós sentávamo-nos a comer azeitonas e era assim... depois em moça já tive outras amigas, não é? Mas acontece, é que como meu pai trabalhava um ano aqui e um ano na terra, nessa ano da terra poucas meninas se davam, está a perceber? Porque no outro ano lá vinham outros e traziam filhos, não é? E eu, por sinal, estava pouca gente que fosse juventude, apenas outra

rapariga com quem eu me apliquei mais, ela fazia renda, fazia assim, essas coisas... mas pronto, estive numa tia e essa tia ensinou... bem eu também comecei cedo, não é? Mas tinha trabalho que tinha que fazer quando era pequena... eu com 12 anos, 13 anos fazia tudo, fazia... com 14 anos já fazia tudo! Tenho colchas de renda, colchas de tudo...eu agora aqui não tenho, só esse panos grandes, mas isso já é de quando era grande... quer ver aqui um? Estou a fazer uma colchinha para uma cama, isto é para a minha bisneta... mas isto ainda vai levar em volta um remate e depois vai ser acolchoado sobre um forro de cetim com um bocadinho de cheio, porque é uma espécie de edredón... e olhe, e esta vida, eu fiz uma colcha em cor crua...não era crua era em cor de rosa velho, que está com 15 anos... ou 14...

E - muito bem... eram muito prendadas...

Sra. - não, não nos deixavam ir a bailes, nem pensar! Nem pensar que o sistema era diferente! Aqui os pais não dançavam, só iam a juventude da ribeira e assim... era aqui os bailes nos bombeiros... mas aquilo antigamente não era uma coisa como agora... pelo que eu via, e o meu marido era realmente sócio, mas depois, se os bailes fossem como na minha terra nós casados ainda podíamos ir aos bailes... mas não, não era possível depois de casados... nós na nossa terra dançavam mãe, dançavam avós, dançavam netos... aqui era um atraso de vida... lá até ia aos bailes com os pais! E os pais quando sabiam dançavam, quando não sabiam ficavam sentados e ficavam a ver! É assim filha, os tempos eram muito diferentes!

E - muito bem! Então e olhe, quando era criança, lembra-se assim de algum acontecimento ou alguma situação que a tenha perturbado...

Sra. - olhe tive minha filha! Tive uma grande perturbação! Tive, que isso até impediu que eu estudasse mais, o meu pai queria que eu fosse para professora e tudo, mas eu fiquei muito traumatizada, porque o meu pai era muito amigo da minha mãe, tudo impecável, mas era amigo de mulheres! Tive muitas arrelias em casa como não devia ter... e eu não andava descansada, porque a minha mãe via-o a entrar em casa, e quando nós tínhamos negócios nesse tempo ainda não tínhamos a porta aberta... era até eu ter para aí uns 14 anos... mas até aí a minha mãe tinha ocasião de estar à janela e via o meu pai sair e entrar na loja, que era mais à frente, e depois a minha mãe falava com ele, e ele... não era o cansaço... e isso foi o que estragou a minha juventude... sempre, sempre, sempre... pronto... não fui feliz! Não fui feliz... Agora é que eu sou feliz! Eu fui feliz porque gostei muito do meu falecido marido, sempre tive tudo, mas aquilo tudo também mexeu muito comigo... o meu marido era filho de um lavrador que vivia pegado de nós, a esse o meu pai não se importou que eu falasse, e ele sabia da situação, toda a gente sabia que o meu pai que era um homem desses, pensava na vida mas onde houvesse uma mulher que desse um ponto ele andava só feliz e aí só o viam por maus caminhos... e ele não tratou dos negócios como devia ser! Trabalhou de dia para comer à noite, está a perceber menina? Essas coisas transformam os homens em malucos e as mulheres nem tratam da vida... a minha mãe é que

tratou sempre da vida, sempre cheia de desgostos, mas a minha mãe foi uma mulher muito resistente. Foi foi minha filha... e depois eu tive azar que o meu falecido marido conhecia o meu pai, conheciam, até fui criada na casa deles que eles eram lavradores e tinham a mãe, eu gostava do pai e íamos andar de baloiços... eram nossos amigos... nós íamos às vezes vê-los e assim... e ele sabia da situação. Mas casou-se comigo e começou a pegar-se com o meu pai e dizia ``que o senhor anda aqui, o senhor anda acolá'' e depois olha, saí de um inferno e meti-me noutra... está a perceber minha filha? Passados muitos anos, já eu tinha o meu filho, já o meu filho era menino, ele entrou na idade e as coisas acalmaram-se... e depois nasceu o meu filho e foi uma felicidade que... não tem outra, não é? O nosso filho... o meu filho ninguém tira o lugar dele!

E - e como é que sentiu aquela transição de solteira para casada, foi muito difícil?

Sra. - oh menina não... não... olhe, primeiro a gente não ia passar férias nem ia de núpcias para parte nenhuma... casei-me, fiquei ali na casa dos meus pais, ficamos todos juntos e vivemos sempre... os meus pais morreram ali, com muito gosto, nunca lhes faltei com nada, tratei da minha vida, já não tinha negócio, nessa altura... quando o meu filho casou, já eu... a esposa dele... pronto... ela também começou a trabalhar e antes de o meu filho casar acabou-se com o negócio. O meu pai já estava entrado na idade e eu não queria, já estava tão farta que não queria de maneira nenhuma seguir... o meu falecido queria para o dia em que se reformasse... mas entretanto lá estava eu, não é? E eu esquivei-me, como se costuma dizer... o meu pai também compreendeu quando o neto casou e tal, e pusemos o sitio do negócio para habitação, fizemos obras, e viveu-se bem, vivemos todos, os meus pais, nós, o meu filho e a mulher, vivemos 5 anos juntos, nasceu o menino mais velho, o Miguelzinho, trabalhei como uma desgraçada ali, para tanta gente... o que me valia era que tinha a máquina para lavar a roupa, mas era pôr a roupa, apanhar a roupa e depois passar a ferro... e depois veio o menino e o menino vinha com a mãe para baixo e havia uma miúda que tomava conta dele mas eu não confiava muito... e foi assim... depois eles pensaram em comprar casa e agora vivem bem, já não precisam de mim hoje em dia... mas eu fiquei aliviada! O pai dele, o meu falecido, não encarou, e depois era empregado daquela fábrica de loiça de viana, foi para lá muito jovem... ele era lavrador mas começou a ir para lá com o avô e o pai a carregar pedras... uns carregavam ele transportava no tempo em que era assim, não é? E depois ele andou lá e começou a ver que o pessoal que trabalhava lá era melhor do que na lavoura e depois também não se dava nada ao filho antes de se casar, que ele quando se casasse não levava terras, não levava eiras, não é? Tinha que ir trabalhar... e assim foi, e viveu até que chegou ao ponto de ser encarregado geral. O presidente desta fábrica fez uma outra que botaram abaixo... e foi assim, já não sei onde queria chegar mas foi assim a minha vida... e pronto... teve mais altos do que... teve mais baixos do que altos... mas achamos, eu, a gente resistiu e vivemos a vida sempre bonita...

E - muito bem. Isso é que é importante, não é?

Sra. - claro. Depois o meu filho quando tal saiu de casa, amigavelmente, depois comprou um apartamento e a mulher gostava de ter as coisas dela, e pronto...

E - e o que é que sentiu?

Sra. - eu senti um grande descanso! O pai é que entendia que o filho devia estar ali que até acrescentamos a casa, fizemos uns quartos, fizemos uma casa de banho maior e, mas quê? Nós não podemos prender os filhos.

E - isso é verdade...

Sra. - e o pai também... custou-lhe mas estava em casa e via o que a gente ralhava, era eu e a minha mãe, as desgraçadas, e o meu pai convenceu-se.. ai isso é verdade, o meu pai convenceu-se! Até lhe deu um... um AVC! Continuou fino e depois também quando foi até à tropa e depois de vir ele estudou mas nunca arranjou nada, s empregos antes era raros, era complicado, e antes de ir à tropa não arranjava nada de jeito... depois foi para a tropa e depois veio e lá conseguiu na fábrica vianense e ganhou um dinheirinho... não pagavam como agora mas ganhava, que ele chegava ao fim do mês e parecia que ainda trazia mais dinheiro do que o pai. E acontece que depois o meu filho jogou futebol, que ele gostava de jogar futebol, e disse para o pai ``eu tenho de que empregar, seja onde for, veja até se vou para a fábrica'' e foi só abrir a boca, para o patrão, e ele disse ``sim senhora você ponha aí o seu filho onde melhor entendesse''. E o meu marido, no princípio ele era fornista/ moldista... era um grande artista... fazia moldes, desenhava e tudo, e fazia os moldes. Ele fazia isso muito bem, era um homem só com a quarta classe mas tinha habilidade, até foi pretendido por vários patrões de... das Caldas... de Aveiro! Era uma fábrica que havia em Aveiro! E eu sou das Caldas da Rainha... e acontece que... depois o meu filho foi-se empregar lá e depois lá foi andando, dos gessos foi trabalhar para o armazém, depois estava um engenheiro que já o mandava vir a Viana com a carrinha fazer certas coisas e tal, e depois ele ainda andava naquilo e o engenheiro às tantas também achou que lhe pagava mal na fábrica, já lhe pagava muito pouco mas pronto, ele ia-se arranjando... e acontece que o engenheiro lembrou-se de ir embora... e o meu filho ficou e fazia o que o engenheiro fazia porque ele ocupou o lugar dele. Não era engenheiro mas sabia dar as voltas e ficou ali muito bem porque dantes os engenheiros faziam falta porque tinham que ser feitas as pastas e assim, como a menina sabe, a pasta da loiça e isso tinha que ser tudo feito nas fábricas... esta da Meadela, esta antiga, era assim... mas depois já começaram as pastas a vir de fora ... é como o pão que vem assim só para me ter no forno, está a ver? Aquilo só vinha de maneira de passar lá num peneiro e ver-se as impurezas. Pronto, já não tinha tanta responsabilidade... mas depois ele cansou-se e foi para ali, quase em frente ao museu do traje... foi o meu filho mais a mulher... e quando o meu filho foi dizer ao patrão que já estava casado e que ia trabalhar para... com o sogro,

foi quando disse ``Olhe Fernando, eu não o posso impedir, porque eu não lhe posso pagar aquilo que você passa a ganhar'' e... diz que o patrão até lhe vieram as lágrimas aos olhos! Porque ele conhecia-o já de novo e até foi padrinho de casamento do meu filho e tinha assim uma certa...ligação. E foi assim a vida, e o meu filho foi e eu depois fiquei bem, mas fiquei sempre a dar de comer para eles principiarem a vida, dava sempre de comer toda a noite no sábado e domingo todo o dia! E eu à sexta feira andava numa meia para fazer compras, ao sábado adiantava o almoço, descascava batatas, arranjava hortaliças, ali tudo arranjadinho, se houvesse salada, para no outro dia ser só cozinhar... e aquilo tudo! E depois no domingo eles vinham e eram capazes de vir só às duas e meia para almoçar... aquela função, era toda a tarde eu e a minha nora na cozinha... depois... era uma função, mas depois eles saíram de casa e continuei assim, continuei a servir... e depois quando adoeci, tive uma embolia... dizem que eu tive uma embolia, mas dizem que também no papel tive uma coisa junto ao coração, e eu não sei qual das coisas foi... eu fui ao hospital no Porto e disseram-me que estava tudo bem e tal... e este menino (actual companheiro) é que me levou ao médico que eu... começaram-me a faltar as forças e eu não sabia de que era, e ele disse ``se não estás bem tens que ir ao médico e ir ali à urgência''. E depois fui à urgência e o senhor escreveu uma carta, imediatamente para o hospital ``a senhora tem que ir para o hospital, tem de ficar internada'' nem a casa nos deixou vir para vir buscar camisa de dormir nem nada! Cheguei ao hospital já me vieram esperar com uma cadeira de rodas, e depois a partir daí é que vi que comecei a ficar frouxa é que viemos para aqui... foi, mas já cá estamos vai fazer no dia 24 deste mês 8 anos! Estou muito bem, já estou muito boa, mas se for apanhar uma subidinha já tenho que andar devagar, subir escadas, até já estou a ficar cansada aqui de falar...

E - quer parar um bocadinho?

Sra. - não, não, não, a gente vai falando lentamente... e, e é assim...

E - olhe, e o que é que sentiu com essas mudanças?

Sra. - hum, senti que havia alterações mas a gente já estava habituada a todas estas coisas, eu não estava habituada a ser doente mas depois fiquei assim e eu não queria que o meu marido fosse meu criado porque ele, coitadinho, já trabalhou tanto para criar os filhos e depois a senhora com quem ele casou a segunda vez para criar os filhos também lhe deu uns aninhos, que também andou de cadeira de rodas e coitado também passou... tinha gente para cuidar dela mas quem está em casa tem sempre que fazer, não é? Mudava-a ele e também não era só ela... é muito trabalho e eu sabia a vida dele que ele contou-me e eu pensei assim ``ah, não está bem! Se me dá a segunda vez, não quero! por amor de deus, não quero sobrecarrega-lo!'' e eu vim para aqui precisamente para não lhe dar esse trabalho. Eu também não podia, então se estivesse em casa tinha que ter uma mulher a dias, foi assim... óh filha, uma casa dá sempre trabalho... ainda hoje quando lá vou tenho dias que vou, faço certas coisas e parece que não tenho nada, mas

depois no fim, como subo e desço as escadas acabo por ficar cansada... mas lá vou fazendo qualquer coisa... é assim a vida, enquanto eu puder vou indo a casa que é perto...

E - então ainda tem a sua casa?!

Sra. - tenho, tenho, tenho sabe, é ali por trás do continente, por trás da senhora da ajuda. Não sabe onde é a fábrica da loiça? Ao ir para a fábrica vai-se pela estrada acima, passa-se pelo continente, depois corta-se à direita, depois passa a fábrica, e depois à direita tem logo ali uma capelinha e a minha casa dali vê-se... (mostra fotos) olhe e é assim... no sábado já vou a casa se deus quiser e... mas aqui nada nos falta! (mostra fotos de convívios do lar e ri-se). Olhe acontece que depois eu fui, como lhe disse, não queria sobrecarrega-lo e viemos para cá, e estamos muito bem, o meu filho mora ali na senhora da agonia...

E - então a opção de vir para cá foi vossa...

Sra. - nossa, pois... foi nossa! Nem ninguém nos impediu... os filhos dele (companheiro) estavam assim assim, mas nós ainda somos senhores... e depois eles, já se sabe, convenceram-se e o meu filho está muito feliz... ''ai eu nem penso na mãe'', diz ele ''ai eu nem penso na mãe, já sei que estão bem...' ', e... pronto...

E - então acha que durante o seu percurso de vida foi sempre a mesma pessoa?

Sra. - acho que fui sempre, fui... acho que eu que... acho que eu que não mudei de personalidade, não é? Eu acho que tenho a mesma que tinha... e então... e que resto é que a menina queria saber mais? Eu na personalidade fui sempre a mesma, não é, a gente não muda!

E - há pessoas que mudam!

Sra. - há pessoas que mudam mas eu... não.

E - olhe e diga-me uma coisa... E na morte costuma pensar?

Sra. - ai penso! Todos nós pensamos... acho que pensa-se na morte... eu estou sempre a dizer ao meu marido ''olha que naquele gavetão são as camisas boas! No segundo é as da semana!'' e eu digo sempre ao meu homem ''nós podemos deitar-nos muito bem e depois de manhã já não estamos em termos de tomar sentido da nossa vida!'' isto... nós nascemos é para morrer... não é filha? Olhe a morte não me mete medo, porque estou aqui descansada e tenho quem trate de nós! Tratam-nos muito bem... está-se na enfermaria como os outros estão e estão a tratar de nós. Em casa é que é de ter medo... porque ninguém... a menina compreende? Ninguém trata de nós tão bem, por muito que nos queiram os familiares não nos tratam tão bem como aqui tratam de nós... e aqui tratam muito bem de nós, e eu hei-de ser como diz o outro ''hei-de ser como as outras pessoas''... se tiver mais tempo ou menos tempo para morrer,

deus lá está, que eu acho que tive muitos desassossegos e agora estou sossegada, pode ser... tive muitos desassossegos... a vida está-nos sempre a pregar partidas, sabe filha? Eu ainda estive magrinha, mais magra uma data de quilos porque o ano passado, por este tempo já estava melhor, já estava a recuperar, mas passei um fim de ano, minha filha, que eu ia morrendo! Morrendo porque lá está... e então... e mas depois, tudo muito bem, mas lá está, eu vivi sempre arrelviada! Vivi sempre arrelviada desde que entrei nos meus nove aninhos, dez anos... comecei a reconhecer que os meus pais não se davam como devia ser... eles davam-se bem, o meu pai era capaz de chatear a minha mãe e depois chegava e já trazer bananas e, olhe o casaco de astracã! Trouxe-lho num dia em que a minha mãe teve uma grande arrelia com ele, mas ele depois estava arrependido que ele era da minha mãe que gostava! São destes homens que uma mulher não lhe chega... e então vivi sempre desde os meus nove anos, sempre me arreliei, sempre, sempre, sempre, sempre! Depois o meu filho casou também não vivíamos nada bem, não é, porque a menina (nora), não sei o que tinha, deitava-se bem e começava de noite a chorar e a espernear e ele não sabia o que ela tinha e depois a gente... ele levantava-se e levava-a a passear de carro e um dia té tiveram um acidente, e a agente nem sabia o que passava com o meu filho e com ela... e com ela! Que o meu filho tem o seu ganho... andou trinta anos nesta vida... agora... ela depois acalmou, mais um bocadinho, mas sempre com aquele feitio de amuar, ia para a cama e não conseguia... pronto não consumia o marido e aquelas coisas todas... e depois, ano passado, acontece que, ano passado antes do natal ela aborreceu-se com ele, sem ele saber do quê... qualquer coisa que ele dissesse que ela achava que não estava bem, ela ficava logo... (mostra fotos dos netos) olhe e estes são os meus netos? Aqui ainda eram moços... agora um tem 30 e um tem 34! E... e depois antes do natal, para aí um mês... olhe quer saber, na senhora da agonia... na senhora da agonia nós fomos lá todos comer e foi para lá um pagode e eles já estavam zangados mas nós não nos apercebíamos... e da senhora da agonia sempre, sempre, sempre até ao natal, sempre naquela vida, pronto, discutiam, não é? Aquela casmurrice... eu não sei o que ela tinha, a minha rica nora que ela era uma jóia para mim e ainda é, mas o meu filho saiu de casa... tem ali o prédio onde tem o seguro, fez um estúdiozinho bem feito, teve três meses fora de casa... aquilo não me passava que eu não queria que meu filho deixasse a casa... foi um desgosto muito grande... depois no natal, ele saiu de casa na noite de natal, depois nós fomos passar a noite de natal a minha casa, veja lá, eu doente e desgostosa, tive que fazer a comida para ele e para nós os dois... passamos um natal triste... este ano já foi muito diferente! Diferente...sim, parece que já passou outro... sim, já estamos em maio, foi no natal do outro ano... e minha rica filha o que eu passei por causa daquela menina que ela deixava... às vezes eu com a comida feita e a menina não vinha para baixo... ``ah, o que é que se passa, tu estás zangado com ela?'' ``não, mas ela está a chorar...'' andamos por quanto lado havia... e depois, separaram-se, tiveram três meses ou mais, ele a viver no escritório e ela estava na casa com os filhos... mas depois a advogada... e depois estiveram 3 meses e eu não podia meter na cabeça que o meu filho se separasse, que deixasse a casinha dele que é uma

casa que é... e acontece que depois a advogada chamou-a e ela chorava que não se queria separar e depois ela chamou o meu filho e disse ``o senhor afinal de contas... o senhor não esteja assim a proceder porque a sua mulher nunca muda... nem o senhor!'' porque eu também não digo que o meu filho às vezes dissesse alguma coisa errada, mas era assim, era até... até ia ao telemóvel ver se ele tinha recebido... está a ver? Era aquelas coisas de... de... desconfianças... e depois pronto, ele foi para casa graças a deus, ela modificou... modificou muito, muito, muito, nosso senhor até está ali a ouvir, até nem parece a mesma! Eu não digo que não tenha o seu feitiozinho, não é? Mas pronto, mas tivemos ali uns meses... ela nem me convidava para ir a casa dela... tivemos ali depois, na casa, a seguir... e depois no dia dos anos do meu neto mais novo é que foi feita a festa dos anos dele e do tio, nasceu no mesmo dia, e depois fizeram numa quinta que há ali, na quinta do carvalho... eu nem sei, é mais à frente... mas estava lá a família toda, lá estivemos todos juntos, foi a primeira vez que eu estive com ela... eu estava... eu fiquei de uma maneira que não ia daqui ao escritório a pé visitá-la... e não resistia se fosse uma... ele... as pessoas separam-se com uma facilidade e as famílias encaram... mas eu não podia encarar uma cisa dessas... não encarava porque a minha nora, e ele dizia ``aquilo que ela tem, não é ela , e alguma coisa se passava!'' não sei se me está a perceber... mas sabe, eu não vou muito nessa conversa... o que eu sei dizer é que nós fomos... não tem sido fácil...

E - mas agora está melhor...

Sra. - está! Eu agora estou confiada que ele tem o estúdio arrendado, e hoje já temos uma bisneta e ele tem uma netinha... embora não sejam casados já tem... já está mais uma pessoa... mais um membro na família!

E - muito bem... e costumam vir visitá-la?

Sra. - nós vamos lá! Eles aqui não vêm, só se eu estiver doente... às vezes... o meu filho até tem seguros aqui na casa e às vezes está aí... mas não...eu vou ali, são 5 minutos... a casa do meu filho, sabe onde é? É um duplex lá em baixo no redondo, onde é a senhora da agonia, aquelas casas... há aquele redondo que até faz frente com o estaleiro, o meu filho tem ali, não é mesmo no redondo... tem ali uma casa, um acréscimo que fizeram em amarelo, e os dois andares são dele. E depois ela cismou também que... ela herdou uma casa velha que está... um prédio alto que está na senhora da agonia à esquerda, em baixo, um prédio alto que está ali, mais uma propriedade, em frente à igreja... e acontece que ela se não faz ali uma casa... tudo isto antes de se separarem... ele até lhe fez a vontade, empenhou-se para lhe fazer a casa, tão empenhado, sem necessidade... só para lhe fazer a vontade... mas não é coisa triste porque o meu filho ganha e também tem... o duplex está arrendado, já vai mantendo à venda, mas ninguém compra sabe? E a casa mesmo onde eles vivem é uma casa nova, amarela, que se vê... é arquitectura moderna... mas nem cai muito bem porque para baixo é aquelas casa... é a senhora da agonia... e depois anda para baixo e é aqui a almirante... em baixo

tem uma casa de fruta... e a última casa é a dele... é uma casa bonita de arquitetura moderna, e tem jardim, tem uma grande garagem... quer dizer, a casa tem muitas condições mas o duplex... eu gosto mais desse... está ali pintado à mão, tudo coisas ao gosto dela, que ele comprou ainda estava em grosso, depois do casamento comprou e ficou encantado... depois ela é muito aperfeiçoada, se vê aqui um parafuso desapertado já manda vir quem o aperte... a casa na mão dela está sempre nova... ela só tem boas qualidades...

E - olhe e o que é que sente aqui do lar? Das pessoas que estão aqui e do seu quartinho?

Sra. - ai sinto-me muito bem, gosto de toda a gente e tenho a impressão que tudo gosta de mim, mas há aí uma pessoa que... também... também... pronto, não vale a pena falar, mas que eu também senti um bocado, mas já se ultrapassou tudo. Há aí uma senhora, uma baixinha que está ali, e não sei se a senhora vai fazer o inquérito, é capaz de não querer... e acontece que eu era muito amiga dela, há mais de 50 anos que ela ia à minha loja... e conversávamos muito eramos muito amigas e... não, eu não sou inimiga mas não quero mais... pronto, e porque ela... um dia estávamos a fazer um ensaio e ela não gostava do barulho, não é, e eu estava a tocar bombo e a menina, essa disse-me assim ``ai os bombos não estão a acertar'' e eu disse ``deixe estar que eu no fim já deixo o bombo''... e eu precisamente eu queria ir deixar o bombo em cima da mesa, e ela estava a dizer ``ai que barulho! Eu não suporto este barulho!'' e eu disse ``olhe não se preocupe... o meu bombo eu já não vou tocar mais... o meu já não faz tanto barulho''... e ela julgou que foi por mal e ficou zangada comigo... uma amiga de 50 anos! Pronto... e... não falamos mas não desejos mal... pronto. Acontece e pronto.

E - então já sente que faz aqui parte do lar...

Sra. - oh minha rica filha, já nem em minha casa eu me dou!

E - ai é? Já está aqui enturmada na família?

Sra. - eu vou a casa enquanto tenho lá que fazer qualquer coisa, ainda vou estando, acaba-se o trabalho e agora lá com quatro televisões e não tocam, não é? Não falam... ainda é mais escuridão... porque a gente ainda tem os aparelhos na sala e no quarto, mas os aparelhos são muito antigos e diz que gasta-se o dinheiro e não é uma certeza... e por isso deixe estar que o meu neto mais velho vai casar e ele diz que põe-me... nós estamos bem filha, nós passamos muito bem, muito bem! Estou sempre muito segura aqui dentro desta casa, é tudo muito bom! Comida muito boa, é tudo maravilhoso!

Entrevistas com os idosos - Transcrição N° 2

Idade: 68

Estado Civil: União de Facto

Sexo: Masculino

Sr. - nós estamos casados por união de facto... porque... também lhe vou dizer uma coisa que a senhora deve ter conhecimento... o nosso regime... o nosso português... quer dizer tem coisas interessantes, tem coisas boas e más... mas isto é uma opinião só nossa... então, não sei se a senhora conhece... eu tenho 68 anos e ela já tem 81... hum... 80... e acontece o seguinte... se eu casasse com esta senhora, uma das coisas que acontecia logo é que ela ficava sem a reforma dela... quer dizer não é a dela, é a do marido, mas é a mesma coisa, cortavam! E isto é que é o regime nosso... e ainda por cima, e a senhora uma vez que está a estudar isso deve estar a estudar outras coisas para chegar a esse ponto, tem que saber algumas coisas de direito, suponho... penso que sim... portanto, o que é que acontece? Para já, com a idade que eu tenho não existe comunhão de bens... com a idade que eu tenho é proibido no nosso país em determinada idade ter comunhão de bens... nem comunhão de adquiridos agora... houve uma altura em que isso realmente acontecia, era possível... agora não! Acabou! Olhe, e qual é a lógica de uma pessoa casar pela igreja, que é um papel, onde dá igual a casar pelo civil? Ora o que interessa é que a gente se dê bem!

E - exactamente é o mais importante, não é?

Sr. - ora se nós por acaso nos casássemos íamos automaticamente prejudicar era a ela! Tinha que estar à espera que eu morresse para poder receber parte da minha pensão! E isso não tem lógica nenhuma... mas o que é que acontece? Essas coisas... portanto mas se eu fosse casar à Espanha... aí eu já podia casar... não é? Estes são os católicos! Percebe? Eu também sou... eu também sou católico, não sou é fanático! Percebe? Eu até fui criado numa instituição dos salesianos, portanto foi dentro dessa coisa... portanto está a ver, isso são pequenas coisas que dentro da nossa idade, muita gente... quer dizer, fazem com que a gente não case! Porque a amizade não está... e a menina sabe porque é muito mais nova, não está num padre que nos vai casar ou no civil... a nossa amizade está em nós mesmos!

E - exactamente!

Sr. - o amor está connosco, não é no padre nem nos filhos, nem o que vai dizer até à morte... música! Porque há casamentos que casam hoje mas daqui a um mês estão separados! E até estão com grandes problemas! (risos)

E - pois... exactamente!

Sr. - sabe, eu estive muito tempo em Lisboa... eu trabalhei para uma companhia que hoje faz parte da EDP, que era companhia da electricidade... por isso trabalhei 42... desde criança, vá lá! Até à altura em que vim aqui para Viana e já cá estou... vim já reformado, mas já cá estou há vinte e tal

anos... mas tenho saudades de Lisboa! É que para mim Lisboa é uma menina muito simpática! (risos) eu nasci nas beiras baixas... Castelo Branco... nasci lá só! A minha primeira mulher, a mãe dos meus filhos morreu muito nova, com 35 anos! Portanto eu fiquei com 3 filhos, o mais novo tinha 6 anos, portanto... no serviço não dava para brincar! E mesmo assim tive um bem, que hoje em dia não é possível... a minha empresa era Belga e estive um ano a tratar dos meus filhos, sem me descontarem nada... e hoje não acontecia isso! E simplesmente o que eu perdi um bocadinho foi o currículo, porque era chefe de serviço dentro da empresa e perdi um bocadinho... eu tinha uma categoria e não estava a receber o dinheiro equilibrado com a minha função... mas sabe que o tempo que eu estive lá dentro foi bom... depois arranjei uma senhora para tomar conta das crianças e acabei por casar com ela... era mais fácil desapropriar do que estar a pagar! (risos)

E - (risos)

Sr. - depois apareceu-me esta menina a chatear-me a cabeça... veja lá!

E - pois é, dá muitas voltas o mundo!

Sr. - é... as voltas que isto dá! Isto agora parece ter muita graça mas é muito complicado! Passei... com 35 anos é muito complicado... eu estava naquela altura... em período de ascensão do serviço, não é? Agora não sei como é, mas naquela altura não era a brincar! Eu praticamente estava sempre de serviço...

E - então diga lá... Quando era pequeno, quais eram assim as suas tarefas...

Sr. - olhe quando eu era pequeno, vestiram-se à marujo (mostra foto - risos). Na terra onde eu nasci, estava na casa dos meus avós... os meus pais estavam cá em Lisboa já... eles estavam em Lisboa e eu estava em casa do meu avô, e... e quê? Portanto era o menininho da minha avó e da minha tia, e depois... já não sei que idade é que tinha, já não tenho a certeza... tinha seis... sei que vim para cá para a instrução primária... e para aí aos sete anos os meus pais vieram para cá, eu já nem conhecia os meus pais nem nada! Hum... vim para cá e tenho uma coisa para contar muito engraçada... quando eu vim para cá, os meus pais tiveram que me vir buscar ao combóio, e os comboios eram de carvão, de castelo branco para o restelo... quando a minha mãe chegou a casa estava o meu irmão mais a minha irmã, a minha irmã está em África do Sul e o meu irmão está em Lisboa... e então chegavam... o meu irmão é o mais novo, a minha irmã é a seguir a mim, e estavam os dois todos nus, meteram café e açúcar dentro de um penico e andaram a lavar a casa e lavaram-se a eles! (risos) a minha mãe disse ``sai daí!'' naquela altura era assim, e a minha mãe insistia ``paim, paim'' e eu começo logo a dizer ``eu quero ir para casa da minha avó!'' (risos) ``eu quero-me ir embora, quero ir para casa da minha avó!'' e aquilo passou... e depois fui para a escola, andei nos Salesianos até... aquilo lá eram cinco classes... havia os internos e os externos. Eu era externo... era a primeira... A primeira adiantada, a segunda, a terceira e quarta... andava 5 anos... acabei lá aquilo, ainda estive para ir para padre, era bem conotado! E... roubávamos o açúcar, eu mais outro

pequeno, e depois não fomos para padre... íamos para lá brincar, era com o açúcar... enfim, éramos muito marotos... (risos)... bem, mas por qualquer motivo não fui, é isso que interessa... e foi um bocado assim... não fui, quando saí... digo assim ``bem, tenho que continuar a estudar lá'', que naquela altura não havia cursos e na escola dos salesianos só tinha... era encadernador e... encadernador e sapateiro se não me engano... sim sapateiros, é... faziam bolas até, bolas de futebol e tal e... enfim... mas eu já não estava muito inclinado para aí... embora eu quisesse continuar a estudar... queria tirar um curso de gente... e ele... ``não queres estudar vais trabalhar''... e é assim... tive que ir trabalhar... o meu pai era chefe de caldearia na Cuf, que era ali assim no Cais do Sodré, não sei se a menina conhece, na Rocha conde de Óbidos... a menina esteve em Lisboa e sabe onde é a Rocha conde de Óbidos concerteza... é onde são as centrais da cuf... hum, está bem... quer dizer, fui trabalhar, era da cherne, eu...tive que começar a fazer no Monumental, numa fábrica de tecidos, nas Amoreiras, a menina é capaz de não conhecer onde é que é as Amoreiras, é em Campo de Ourique... nas amoreiras, depois chegava a ir... perguntavam-me a que horas é que era a escola e eu dizia que era às 7 horas, quinze dias... ``quer estudar ou trabalhar?'' e eu dizia que queria estudar... ``então vai-te embora!'' fui lavar pratos e por ai fora... Agra não sei se é mais fácil ou se é mais difícil... os paizinhos fazem tudo e muitos não aproveitam aquilo que os pais às vezes fazem... sacrifícios... e eu tive que aproveitar... é aproveitar... hum... e pronto, entretanto eu fui para a tropa, estive 3 anos na tropa, ainda fui para fora um bocadinho, tirei o meu curso, tirei... tirei um curso industrial, parte eléctrica... é, parte eléctrica. Comecei em Outubro a ganhar dinheiro, então comecei primeiro pelo campo e só depois é que passei para a electricidade... tirei depois mais dois anos no instituto industrial que era para me dar a categoria de agente técnico, na altura não havia engenheiros, era agentes! Era o curso inicial todo completo mais dois anos, porque naquela altura, a menina é desta época é deste... desconhece isto concerteza ou então já ouviu falar... eu não podia ir para um liceu... hoje qualquer pessoa pode ir para um liceu! Até eu, se quiser vou para um curso daqueles seniores...mas naquele tempo não... havia uma separação... hoje também há! Digam o que disserem hoje também há uma separação de classes... hum... portanto não é... não podia ir... tinha que ir ou comercial, ou comercial... para o liceu já não dava... já era difícil... havia... em relação a isso havia outra coisa que eu vi também... que as pessoas às vezes esquecem e na idade da senhora também... as enfermeiras não podia casar? está a ver? Eu por exemplo se fosse... eu estive na tropa e fui sargento, então, estive lá 3 anos... eu não podia casar enquanto estivesse na tropa... só depois de sair da tropa! Era... eu casei antes... mas quer dizer, sem conhecimento deles! Está... havia essas coisas... não sei se seria bom se seria mau, mas era na nossa época... e de resto... casei e trabalhei e depois entrei, como já lhe disse, para aquela empresa que fazia parte do grupo da edp que era quando eu ia ver a electricidade que tinha uma construção em Portugal que faz a electricidade... e garantias que hoje já não há ... e eu estive lá e tinha subsídio de férias, subsídio de natal, participação, assistência médica ... era isso que há um bocadinho eu estava a ver se tinha aqui... a

assistência médica era toda nossa... eu se quisesse me reformar antes dos 59, eu trazia 93% da reforma... assim quando isto aconteceu eu passei para a providência geral, como toda a gente está... (mostra o cartão da assistência médica) ``está a ver? A assistência era toda nossa... Com médicos nossos e tudo!'' hoje ainda tenho , ainda tenho a assistência... mas tenho que fazer um desconto todos os meses para ir à farmácia e não pagar... quer dizer, só pago a diferença que há entre o genérico e o... e o... e o original... eu se tiver que fazer exames só tenho que pagar 2 euros porque eles devolvem o dinheiro, ou parte do dinheiro, essas coisas todas desapareceram que hoje tiraram isto, tiraram aquilo e a gente diz ``onde é que está o dinheiro...'' sim, onde é que está? Não me diga que o dinheiro... que há um buraco... alguém o tem... alguém o tem...os senhores têm dificuldade... nós enfim, já estamos na época de descida e já não temos que fazer nada... estamos calados, o que é que a gente vai fazer? Agora, que o sistema social tem tendência para acabar... se isto continuar assim vai acabar mesmo! Não há descontos... repare não há pessoas que trabalhem, não há patrões que descontam... e a segurança social tem que se ir embora... e a menina sabe que a segurança social foi feita por um senhor que descansou a guerra na europa toda, política? É, ele é que implantou a segurança social na Alemanha... há pois... Oh filha, eu sei assim umas coisinhas...

E - muito bem!

Sr. - passei... estudei, trabalhei e li, e continuo a ler que eu gosto muito de ler, gosto muito de fazer assim umas coisas, umas pinturas que eu tenho para aí... (mostra pinturas) isto fui eu que pinteii...

E - ai que bonito... tem muito jeito...

Sr. - é... isto sou eu que faço para não ficar parado! Eu quando estiver parado... não gosto! Eu não gosto de estar parado...

E - olhe e diga-me uma coisa... durante a sua juventude pertenceu assim a algum grupo onde se pudesse exprimir livremente?

Sr. - olhe naquela altura não foi uma altura de... na minha juventude eu não tinha muito tempo... porque tinha, quer dizer... estava lá naquele colégio... hum... tínhamos, entravamos na parte da religião e tínhamos missa... eu sabia rezar a missa e... rezar não, ajudar o padre que naquela altura as missas eram todas... hoje já não, não me pergunte que eu já não sei... mas era tudo feito em latim sabe? Portanto nós tínhamos que aprender... a ajudar a missa em latim! Hoje já não... tenho aí ainda... tenho aí, já agora... este livrinho... eu já fiz esta encadernação... é muito porreirinho... é a oração a S. José! Mas era dos salesianos, não é a casa dos rapazes... está a ver? Eu tenho aqui ainda... em latim... eu mostro-lhe já! Algumas coisas ainda percebo, mas se estiver aqui a ler em latim já não percebo nenhum... isto era o nosso... S. João Bosco que era o fundador destes colégios... não tenho isto marcado agora... tenho aqui... (tenta ler em latim)... agora já não percebo nada disto! Veja lá quantos aninhos isto já não tem! Este livrinho tem-me sempre

acompanhado, é... isto é... este acompanha-me sempre! Eu fiz até estas capinhas que já andava tudo muito coiso... portanto não tinha assim grande... jogava à bola, nós tínhamos lá bola, tínhamos ginástica, tínhamos aquelas coisas, mas dentro do colégio... cá fora não me deu assim muito tempo de entrar em nada, não... ainda fiz natação em Algés, mas pouco...

E - olhe, e lembra-se assim de alguma situação que o tenha perturbado, na passagem de criança a jovem, ou de jovem a adulto?

Sr. - hum... quer dizer eu não... uma coisa que me pudesse descontrolar assim... assim... não, não... essa resposta não... mas quer dizer eu tenho uma coisa... é que eu consigo ultrapassar certas e determinadas coisas, é... é o que a minha mulher à bocadinho estava aí a falar ``não sei quê, não sei quê, de estar num sítio com 150 pessoas'', eu procuro falar para toda a gente e ser amável para toda a gente e respeitar toda a gente... o que é que acontece? Eu respeito toda a gente mas quando eu começo a... as pessoas a queres, eu sei lá, a ser mais do que eu, ou mais inteligente... eu... afasto-me um bocadinho... pois evito... porque acho que se continuar a bater na mesma tecla as coisas complicam-se mais, então eu paro onde estou... fui sempre assim... portanto não, não tive assim muitos atritos porque soube evitar que as coisas avançassem... é assim...

E - olhe e como é que se sente em relação às alterações que o seu corpo tem vindo a ter, os cabelinhos brancos a aparecer?

Sr. - olhe, as alterações do meu corpo... eu vou-lhe dizer uma coisa que talvez isto diga tudo... eu acho que... eu falo por mim... mas acho que a terceira idade, onde eu estou agora, onde eu me encontro, talvez seja a parte mais difícil que o ser humano atravessa. Portanto eu acho que isto... isto... porque todos os dias aparece uma coisinha... ou porque nós temos mais tempo para pensar! Ou porque, uma das causas é isso, ter mais tempo para pensar, mas a cada dia a gente vai deteriorando... ou um bocadinho da vista ou amanhã dói-nos o pé ou a cabeça... tudo isto... mexe com o físico...

E - e como é que isso o faz sentir?

Sr. - hum... como é... como?

E - como é que isso o faz sentir?

Sr. - olhe eu... procuro, lá está, procuro... não sou daquelas pessoas que anda muito atras dos médicos, ou coisa assim do género... mas... quer assim dizer, não sou assim pessoa de andar atras do médico... não sou! Não sou! E... e são coisas que mesmo que queira não posso evitar porque... é natural... é evidente... já sei que não nasci para durar toda a vida... mal de nós se a gente durasse toda a vida! Agora até se está a durar mais à base dos comprimidos e das drogas que a gente toma, não é? Antigamente eu com o paizinho, ele morreu com 60 e tal anos... era uma idade... a idade dos homens hoje já cresceu... e das mulheres também... e das mulheres também... é uma diferença quase de 6 anos... os

homens vão mais rápido... eu digo `` as senhoras são tão boas para nós que até nós vamos primeiro!'' (risos) é, mas é verdade... é não é? (risos)

E - e o que é que sentiu quando se reformou?

Sr. - hum... senti alívio, sabe porquê? Bem, por duas razões... uma é a de... porque eu praticamente estava sempre de serviço sabe? A companhia bastava falar para mim, ou porque havia uma avaria no hospital de santa maria, ou porque havia assim, ou porque havia assado... e eu tinha que pôr-me a trabalhar, ou arranjar pessoal que não estavam no polo e eu tinha que andar à procura deles e depois é daquele género, a menina é capaz de não acreditar... fazia 240 horas extraordinárias por mês! Quer dizer eram 8 horas sobre 8 horas... quer dizer eu estava sempre de serviço... não quer dizer que eu não era compensado nisso... portanto a minha reforma também é melhor do que era naquele tempo, precisamente por causa disso! É que eu tinha horas e descontava 75%... umas 50 ou 75%... tinha outras coisas... quando calhava de serviço nos dias de feriados tinha mais 200%... de ordenado e mais um dia para folgar... por isso eu chegava a juntar aos 3 e 4 dias, uma semana ou quinze dias porque não podia... às vezes... de um momento para o outro, todos os dias era chamado... e lá ia, por isso está a ver... quando eu fiquei viúvo fiquei com o meu currículo de sempre mas não estava lá... não é? Não estava presente... e foi só depois que começou as greves... também posso contar isso que é relacionado com o trabalho... é uma coisa, um indivíduo... não sei quem é que não conheci... eu cheguei a lisboa sabe, portanto no Cais do Sodré, na Rua da Boavista e a central tinha origem no Marquês de Pombal... é a EDP... E há um dia que, eu tinha dois sindicatos, que era a UGT e Comissão Nacional dos Trabalhadores, uns estavam em greve e os outros não estavam em greve... e há um dia em que me telefonam do Marquês de Pombal e dizem assim para mim `` Ó Bento você ainda está aí?'' e eu digo assim ``estou! Qual é o problema?'' e depois perguntei ``onde é que você está? É capaz de estar aí numa comezaina no Marquês de pombal, não?'' ``à mas está de greve!'' ``e o que é que eu tenho a ver com isso? É que se eu estiver em greve, todo este serviço pára...'' e é assim... eu tinha que estar... ``o senhor conhece-me de algum lado?'' ``não conheço nem quero conhecer, o senhor não pode é falar assim comigo! Eu sou um chefe de serviço, tenho a minha responsabilidade! e portanto o senhor não tem nada que estar com essas opiniões!'' e o senhor, uma altura... houve uma altura, não sei, não posso precisar, entra pelo meu gabinete a dentro... eu não o conhecia de parte nenhuma...eu virei-me para ele com uma grande calma e disse ``olhe, o senhor já viu o que é eu está ali escrito, ali na porta? Proibido a entrada a pessoas estranhas! Ponha-se lá fora!'' foi logo! Pimba, foi logo! (risos) foi chamar o engenheiro que estava acima de mim, que era muito meu amigo, eramos... dava-me muito bem com ele... e ele disse ``ó Nuno então não sabes quem é o fulano tal?'' ``ai é o fulano tal? Eu não o conhecia de parte nenhuma pá...! Ele chega aqui e entra-me pelo gabinete dentro, mas isto é assim? Mas isto é a banca do carapau ou quê?'' (risos) ``ah, não me diga que é o tal que queria que eu ficasse em greve também! Ah é o senhor... olhe o senhor quando for lá... olhe faça isso no

seu gabinete lá no Marquês de pombal, mande fechar as portas todas e vá lá para casa!" (risos). Sabe, para nós... eu falo por mim... aquilo que eu vejo que se passa com a juventude é um bocado confuso... porque acho que as pessoas perderam um bocado o respeito pelos outros, perderam um bocado da moral... eu, eu, eu... eu fumei... eu fumava e roubava tabaco ao meu pai... e a menina acredita que eu tinha tropa e era já grande e nunca fumei à frente do meu pai? É... quer dizer, ninguém... ele não me obrigada a deixar de fumar! Havia respeito! E... e as pessoas confundiram... a menina desculpe de eu estar a falar assim, mas está nessa... na época... acho que as pessoas confundiram a repressão com a liberdade! Que acham que a liberdade é só deles... e os outros... não têm direito a nada...

E - pois... esquecem-se dos limites...

Sr. - é... é... quando eu vejo uma criança a mandar-se para o chão a dar caneladas no pai e na mãe, e quando eu leio nos jornais que uma criança mata o pai porque o pai não lhe comprou um brinquedo... isso parece até que é quase mentira! É! Parece quase mentira! Não sei se é a verdade, se é o jornal que quer fazer propaganda para vender... quando eu leio que uma rapariga com 16 anos faz queixa à polícia porque o pai não a deixava ir para onde ela queria... pá... há limites... por isso é que isto está um bocado estragado! (risos) isto é a minha maneira de ver! Posso estar completamente errado porque já digo "é, no meu tempo era assim!" talvez os velhinhos tenham sempre tendência a dizer que no nosso tempo é que é bom, mas não é isso... não quer dizer que seja bom!

E - claro é a sua maneira de pensar, não é?

Sr. - é verdade... não quer dizer que seja bom! Havia muitos problemas também... eu por exemplo não podia falar de certas e determinadas coisas, naquele tempo, nem que o Salazar era bom ou era mau, está a ver? Não quer dizer que fosse tudo bom! Mas lá está, as pessoas confundiram a repressão com a liberdade!

E - exactamente...

Sr. - antigamente havia muita repressão... criou-se a liberdade e as pessoas fizeram... abusa-se da liberdade que se têm, não é?

E - exactamente... olhe e... e na morte, costuma pensar?

Sr. - a morte? Não me aflige, já sei que tenho que ir para lá! Isso não me preocupa, já sei que tenho que ir...um dia mais tarde ou mais cedo... só peço a deus que... toda a gente pede, concerteza... não me deixar sofrer! Quando tiver que chegar a minha hora que me diga assim para mim "pá, vamos fazer contas!" e eu vou lá ter com ele...

E - muito bem... e então, e o que é que acha aqui do lar?

Sr. - o lar... eu... a menina está-me a perguntar o que é que eu acho aqui do lar? Eu é o primeiro lar em que estou... mas... aquilo que eu conheço... não é de ouvir porque há muita gente que diz coisas... há muita gente que fala, até dizem mal daqui e são bem tratados... isso é conversa que não interessa! Mas daquilo que eu conheço, que talvez até com um bocadinho de exagero, mas talvez seja um dos lares da terceira idade em que melhor tratam os idosos! E por aquilo que conheço e que vejo, nem é preciso falar, a menina entra aqui dentro e somos 150 pessoas não é? Não somos meia dúzia delas! Nós ainda estamos aptos a fazer aquilo que nós quisermos, mas há ai muita gente que já está incapacitada... Muita gente! É mais incapacitados do que pessoas que estão mais ou menos... agora quando aqui nesta casa tem enfermagem, tem médico, tem enfermaria... eles são mais bem tratados aqui do que no hospital! Há aqui pessoas com 20, 30 anos na enfermaria! Onde é que no hospital se fica esse tempo? Eu tive a minha... a segunda esposa teve... partiu o fémur... e eles queriam pôr-ma em casa e eu disse ``olha vocês... eu estou sozinho em casa e vocês estão-me a mandar a mulher para casa? Eu qualquer dia ponho-vos à porta!'' não gostava que isso acontecesse, não é? A cama de ferro que ela precisou, uma cama articulada, foi a EDP do Porto que a mandou para cá! Que o hospital não tinha, mas tinha condições para os amigos e conhecidos! Desculpe estar a falar mas é assim mesmo, não é fantasia nenhuma! Portanto digo que, aquilo é uma questão de dinheiro... não se admite que estejam a pedir 7 mil euros para se entrar com uma jóia e depois pagar 2 mil euros por mês... eu gostava de saber quantas reforma há na minha idade para pagar 2 mil euros por mês! Isso é dinheiro... e têm que ser os filhos a pagar... para quê? Para serem mais mal tratados do que são aqui? Oh menina...

E - pois... então gosta de estar aqui?

Sr. - aqui tem tudo! Tudo! Porquê? Porque eu é que dei a opção de vir para aqui... ninguém obrigou nem fui obrigado a vir... fui eu que tomei a opção mais a minha mulher! O meu filho mais novo ``ó pai escusa de ir para aí!'' ele comprou uma casa em gaia para mim! Uma casa só para mim! E eu disse ``não... desculpa mas eu não vou para aí... quero ir para ali que ainda tenho mentalidade e financeiramente não estou dependente de ti... não te estou a pedir nada, portanto vou para ali para o lar e mais nada!'' (risos)

E - muito bem! Agradeço imenso aos dois!

Sr. - ó minha filha, foi com todo o gosto!

Entrevistas com os idosos - Transcrição N° 3

Idade: 76

Estado Civil: Viúva

Sexo: Feminino

E - bom... então gostava que me falasse um bocadinho de como foi a sua vida quando era pequenina... como é que era constituída a sua família, se tinha irmãos...

Sra. - a minha família... ora, tinha os meus pais... o meu era do exército, andou na guerra, era... em 1914 até 1918... ficou aleijado de um braço, ficou reformado, portanto... e eu fui criada em casa, mais os meus irmãos... como os meus pais tinham bastantes filhos eu tinha... então... eram mais rapazes que raparigas... as raparigas faziam a quarta classe e depois iam para a costura e outras iam para outros sítios... mas fomos criados com os meus pais, nunca nos faltavam com nada... hum... e brincávamos, íamos para a escola... tínhamos... os nossos pais eram nossos amigos... hum... dessas crianças normais.

E - muito bem...

Sra. - eramos crianças normais...

E - então e costumava ajudar nas tarefas de casa?

Sra. - sim! Isso era uma coisa que a minha mãe nos punha, aí aos 9 anos ou assim, a ajudar nas tarefas... na limpeza da casa, a fazer a comida, a... a ajudar naquilo que a gente tinha... eles não tinham lavoura, porque não tinham lavoura, mas tinham dois quintaizitos e punham legumes e assim, portanto tratava deles e... e depois alguns começaram a ir para Lisboa e... outras iam ficando... e outras iam casando... e cada vez ficamos menos... até que os meus pais acabaram por ficar com os filhos todos casados e outros fora e eles... o meu pai morreu ainda com a filha mais nova morava à beirinha deles... eles moravam um bocadinho mais distante... hum... a minha mãe depois faleceu em Lisboa e para não ficar sozinha foi viver com os meus irmãos.

E - hum... muito bem! Então e quando era assim mais pequena, quais eram as suas brincadeiras favoritas?

Sra. - ora a gente na minha idade era o xará, a macaca, a gente jogava ou ao xará ou à macaca, não é? Hum... era... a gente fazia a rodinha, fazia o lencinho que vai na mão, tapava os olhos e jogava à cabra cega, a gente estendia-se no chão e punha os pés... uma punha os pés... a que tinha o calçado mais forte punha os pés e depois púnhamo-nos numa roda todas deitadas e outras a pegar na mão de uma e na mão de outra e andávamos à volta. Era uma roda... e íamos para os escorregões quando chovia, para aquelas ladeiras que tinham lama, não é? Eram certos sítios que a gente ia para ali fazer de escorregões! (risos) andávamos nas escondidelas nas guritas... é, naquela altura era na gurita e andávamo-nos a esconder, a outra andava atrás dela... era assim estas brincadeiras... brincávamos com os brinquedos que havia naquela altura, que eram loicinhas de barro, fazíamos nós as bonecas com cabelinho das barbelas do milho, com as roupinhas, e era sempre umas com as outras... não era nada do que é agora, não tínhamos televisão, não havia...

hum... agora cinemas, na freguesia onde eu estava não havia cinemas, não havia... não havia certas coisas... era aqueles divertimentos, íamos para a igreja, para a doutrina... depois tínhamos uns canteiros de flores... a gente cada uma tinha o seu canteirinho de flores e depois andávamos na despica para ver quem tinha o canteiro mais bonito... e era assim!

E - muito bem!

Sra. - andávamos a escrever cartinhas aos namoradinhos naquela altura, e fitinhas no cabelo... (risos) eram assim aquelas brincadeirinhas de crianças mesmo...

E - pois... brincadeiras saudáveis...

Sra. - saudáveis, sim!

E - então e quando era criança lembra-se assim, de ter vivido alguma situação que a tenha perturbado?

Sra. - hum... já não era muito criança... já tinha para aí uns... ora naquela altura já tinha uns 13 anos... morreu-me um irmão com 22 anos... e era um irmão que gostava muito de mim e eu gostava muito dele... estava na tropa e... e morreu... e fiquei assim um bocadito chocada... foi, bastante chocada... até porque depois eu ia beber a água dele, que ele... dos refrescos dele... e acabei por ficar com uma pequena infecção no pulmão... e... mas pronto, depois fui curada e fiquei bem... e depois começamos tudo... foi passando, não é?

E - ficaram só as partes boas...

Sra. - depois comecei a namorar aos 15 anos, muito cedo e... e foi assim que eu me... foi normal... íamos para os bailes naquela altura que eram... (risos) eram no clube ou nos bombeiros à noite, e a gente lá ia... não, havia... era um acordeão ou uma coisa assim... e assim se faziam os bailes... é, antigamente era assim! Não era nada daquilo que é agora!

E - então e como é que foi a sua transição de criança para jovem?

Sra. - hum... não, quer dizer, não tive grandes problemas...

E - foi calma? Foi...

Sra. - foi, foi calma, foi!

E - passou-se tudo bem?

Sra. - passou-se tudo bem... eu é que era um bocado fraca, doente... hum... mas isso era naquela altura, agora... não, trabalhávamos, ajudávamos os nossos pais e... e... à noite a gente fazíamos os nossos serões... até chegávamos a fazer bailes em casa! (risos) Juntávamos os pais com os filhos... nós aprendemos a dançar com os nossos pais! E... e pronto... era assim uma vida de aldeia, mas uma vida saudável!

E - e considera que durante a sua vida foi correspondendo àquilo que as outras pessoas esperavam de si?

Sra. - hum... eu julgo que sim... eu julgo que... que eu nunca fui... nunca faltei ao respeito com ninguém... fui sempre... até me chamavam a menina mimada e que eu que era a menina querida dos meus pais, porque... eu era muito calma, naquela altura eu era bastante calma, mais do que sou hoje... e... e nós eramos educados, os nossos pais obrigavam-nos a ser educados perante as pessoas e perante as coisas... a gente não se metia com ninguém e eramos... hum... eramos uma família respeitada!

E - muito bem. Então, e como é que foi sentida por si, a passagem de solteira para a vida de casada?

Sra. - hum... foi boa!

E - foi?

Sra. - foi! Eu gostava muito do meu marido e ele gostava muito de mim... e... e depois fomos para Angola, de Angola fomos para África do Sul, depois viemos para cá... e depois viemos para cá e ele ficou com Alzheimer, foi por isso que eu vim para o lar... porque eu sozinha... as filhas já estavam casadas, já estavam na casa delas, hum... não podiam... já trabalhavam, não é, tinham os seus empregos... e... e à noite algumas eram professoras e tinham trabalho e... e eu resolvi vir para aqui, contra a vontade dele, mas resolvi vir para aqui! Hum... sentimo-nos bem aqui, gostamos de estar aqui... depois o meu marido faleceu, hum... vai fazer 3 anos agora em Julho... e eu quis cá ficar, não quis sair... os meus filhos ainda me disseram ``mamã não quer sair?'' e eu ``não! Quero ficar aqui'', porque eu acho que foi aqui que o meu marido morreu... morreu no hospital, não é, mas foi aqui que o meu marido veio propriamente fazer os fins dele e era aqui que eu queria fazer os meus... e então resolvi ficar! Passado pouco tempo eu fui operada a uma perna e fiquei bastante... correu-me bastante mal a operação e foi aqui que eu fui tratada. Depois adoeceu-me uma filha em Lisboa e eu fui 4 meses para lá... ora tive que me despedir daqui da casa... porque se fosse 15 dias ou 1 mês ou assim eles não me levavam o dinheiro que estava a pagar, não é? Assim tanto tempo não... eu então resolvi sair e fui tratar... fui para casa da minha filha trata-la e a minha filha... pronto convenceu-se de que eu já ia ficar à beira dela! E todos os meus filhos queriam que eu ficasse... que não voltasse para o lar! Mas eu deixei-me estar uns meses num, uns meses noutro, uns meses noutro, tenho três, tenho 2 filhas e um filho, e comecei a sentir aquelas saudades que senti sempre do lar, todas as semanas telefonava para aqui... este convívio, esta... quer dizer eu, não tive pena da minha casa, e tive pena de sair do lar... sentia aquela saudade de vir para o lar, das nossas brincadeiras, das nossas amizades e assim, e comecei a pensar em vir para o lar novamente... e assim em vim, porque eu sinto que aqui que é a minha casa! Porque eu fecho a porta e vou-me embora para o meu quarto, e sinto que entro e saio e que é a minha casa... e em casa dos meus filhos... Há aquele

ditado que diz ``a nossa casa é a casa dos nossos filhos mas a casa dos nossos filhos não é a nossa casa!'' e acabei por vir novamente.. vim para aqui e estou satisfeita! Vêm-me aqui buscar sempre, vu lá passar o fim-de-semana com ele, tenho a chave de casa deles para quando eu quiser ir para lá, estão sempre a dizer ``mamã quando quiser, nós não estamos em casa, vem para aqui, tem tudo na geleira, tira, faz, come... e quando quiser passar aqui 8 dias passa, quando quiser vir cá passar 1 mês passa''... se vão de férias levam-me, se vão fazer um passeio levam-me... e pronto, e eu continuo aqui...

E - muito bem! E como é que sentiu o nascimento dos seus filhos?

Sra. - hum... olhe eu vou-lhe ser muito sincera... eu não aceitei bem o nascimento do meu filho, porque eu achava-me nova para ter já um filho.. tinha 19 anos...ainda não tinha! Julgava que era nova para ter um filho, não é? E portanto não foi aquele filho desejado porque eu era muito nova, era muito mimada e depois tinha ciúmes do meu marido, que o filho ia-me tirar aquela coisa... e assim... (risos) não foi muito desejado... mas eu assim que percebi que estava de bebé já gostava dele mesmo dentro da barriga, e hoje é o filho que eu... pronto, que eu mais adoro... que eu gosto deles todos mas é o único rapaz e é o mais... mãezeiro... gosta mais de estar à minha beira, gosta mais que eu esteja à beira dele... as filhas, não é que as filhas não sejam também minhas amigas, não sejam... mas o filho supera as irmãs... é! A última já não queria porque foi em angola, quando fiquei de bebé dela, já a outra tinha 5 anos, já pensava em não ter mais nenhum, já tínhamos um casalinho, já não pensava em ter mais nenhum... eu estava no mato, estava em S. Salvador do Congo, no tempo... em 62, no tempo de guerra, não é? Estávamos dentro de arame farpado, estávamos a viver dentro de arame farpado, e eu chorei... chorei na altura que soube que estava de bebé porque... não estava a contar e depois estava longe, não tinha ninguém, não tinha família, tinha deixado o meu filho porque lhe deu a paralisia infantil, tinha-o deixado cá à espera de uma consulta, tinha uma coisa médica... uma inspecção médica... porque vinha do estrangeiro uma inspecção médica que ia pelas escolas e pelas freguesias por causa de... no primeiro ano começou a aparecer muito a paralisia infantil... e eu tinha... sempre a trata-lo, mas depois o meu marido estava sozinho em Angola e queria que eu fosse para angola... e ele estava à espera e disse ``olha vens tu e a menina'' que nós também íamos para uma zona de guerra, e ele tem dificuldade em andar... hoje guia e coiso... é professor de psicologia e filosofia, e faz uma vida normal, mas... tem o defeito... tem um bocadinho de corcunda nas costas, manca de uma pernita... mas muito inteligente... e... hoje até tenho orgulho nele! E... e eu fiquei assim um bocadinho chocada por estar de bebé e ter um filho naquelas condições e assim... e chorei, olhe chorei! A minha mãe chegou a casa e viu-me com os olhos inchados e perguntou-me ``o que é que tu tens?'' ``ó, é que eu estou de bebé, e eu não queria...'' e ela disse-me assim ``ó! Onde comem dois comem três!'' (risos) ``Onde comem dois comem três!''... e pronto... hoje é a nossa

casula! É a mais nova, é... uma pessoa começa a senti-los na barriga e já lhes tem amor!

E - pois... foi só aquele primeiro choque, não é?

Sra. - aquele choque! Já tinha a outra com 5 aninhos, ela estava connosco, depois foi também o rapaz, ficou cá mas não chegaram a vir, depois veio mais tarde quando tinha 4 ou 6 anos, foi para o H. Santa Maria, foi operado às costas... mas naquela altura... depois levámo-lo para lá, já estava mais calmo... mudamos de sítio, fomos para Cabinda, Cabinda era mais calmo, e... e já levamos o menino para lá! O meu marido dizia ``ah isto é difícil porque ele... fugimos com ele e ele não corre, ele não foge como a outra''... e assim passou! E depois lá nasceu a outra, a pequenita... e faz parte...

E - muito bem! Olhe e agora... como é que se tem sentido com as alterações que tem sofrido com a idade?

Sra. - hum... muito nervosa! Fiquei a ser muito nervosa... tive muitos problemas, de guerra, não é? Na guerra... cheguei a estar no meio da guerra civil, até me passavam os tiros pelas cabeça, a furarem-me a casa toda e assim isto tudo... traumatiza... arranjei uma úlcera nervosa e... mas eu sou daquelas pessoas que eu salto por cima das coisas... salto! Depois quando foi o 25 de Abril que a gente teve que fugir... fugimos para angola com 3 filhos e eu não sabia a língua, hum... os meus dois filhos mais velhos já sabiam de inglês porque estavam a estudar, a mais nova ainda andava no segundo ano... tinha passado para o segundo ano, ainda não sabia assim grande inglês... mas aventurámo-nos... fomos para angola... fomos para áfrica do sul e lá correu-nos muito bem a vida... e ficamos sem nada e depois lá arranjamos para uma casa, que tínhamos abandonado a outra, claro! Arranjamos... foi assim a nossa vida, sabe... e hoje não me falta nada, graças a deus, graças a áfrica do sul, que foi lá onde nós ganhamos a nossa vida! Depois também deram uma reforma ao meu marido que também já tinha 30 e tal anos de serviço, mas como ele foi... em como ele de licença ficou lá... deram-no como desertou de serviço, e só lhe deram meia reforma... mas ele depois também tinha a mim e a gente também tinha a nossa casinha e pagávamos a renda e assim... e os filhos também já estavam casados, e passou-se lindamente... mas... mas sofri bastante! Depois deu-me... sofri muito dos nervos, quando tive que deixar as minha filhas e eu vim com o meu marido... ter que me afastar... eu vim com o meu marido e tive que me afastar das filhas, e dos netitos que já tinha uns netitos... e arranjei hipertiroidismo... ainda andei 5 anos a tratar-me mas tudo passou! Eu agora... eu agora... o passado já passou! Eu agora tenho mais medo ao futuro do que ao passado! (risos) não, medo noutro sentido! Medo de... de eu ver estas doenças que andam por aqui, Alzheimer, Parkinson... e as pessoas ficam tão... debilitadas, não é? E esse é o meu medo...

E - pois... perder a sua autonomia, não é?

Sra. - perder a minha autonomia... eu gostava de morrer e ainda ser eu... que eu gosto de ser eu ainda a limpar o meu quatinho, não gosto que me vão

limpar... gosto de estar sossegadinha e ter tudo no sítio... e não gosto... só o único medo que me assusta é isso... e era por isso que eu dizia aos meus filhos ``vocês vão trabalhar e eu fico sozinha lá na casa, não é? E apartamentos e assim, não é? E eu no lar tenho sempre companhia!'' estou mais acompanhada... eles agora até concordam, mas...

E - eles agora já perceberam que gosta mesmo de estar aqui... e que se sente bem...

Sra. - gosto, sinto-me bem! Elas são... são impecáveis... a gente sendo educadas para as pessoas, não é, sabendo lidar com as pessoas, as pessoas também sabem lidar conosco! É assim, nós começamos a fazer, a abusar das empregadas e das criadas... isso não! A gente procura fazer tudo e não lhes dar trabalho! Enquanto se pode, não lhes dar trabalho... um dia que a gente não possa, então aí é que já precisamos delas! E não custa nada... ``olhe se faz favor dá-me isto?''... e há que dizer ``obrigada'' não é? Não custa nada... e então se não nos dermos mal com elas, elas depois começam a afeiçoar-se à gente...que eu quando sai elas... eu vinha cá visitá-las e elas tinham pena... depois quando cheguei foi uma alegria! Foi uma alegria!

E - (risos) já é da casa, não é?

Sra. - sim, já sou considerada... também já estou aqui há 6 anos! É muito tempo...

E - olhe, e quando se olha ao espelho, há alguma parte do seu corpo que lhe cause alguma estranheza?

Sra. - sim, se... eu tenho pena de não ter uma fotografia...se tivesse uma fotografia minha de como era e uma fotografia de agora não dizia que era eu! (risos) mas... sei que a velhice, sei que a idade... pronto... acho que a gente até deve ter orgulho!

E - eu também acho!

Sra. - orgulho da nossa vida, quando olhamos para trás e ver que fizemos aquilo que pudemos mas sempre com dignidade e... e gosto de me arranjar e andar arranjada e assim, por que nesse sentido a gente não se deve sentir velha!

E - muito bem!

Sra. - antes pelo contrário! Devemos produzir-nos mais um bocadinho para parecermos novas! (risos)

E - muito bem! Gostei! Olhe, então e qual era a sua profissão?

Sra. - eu... eu fui sempre... eu trabalhei sempre em casa... na África do Sul é que era... trabalhava para uma empresa de avionetes, era uma firma que tinha 14 kms de comprido, e depois trabalhava com avionetes... inspecção às avionetes... mas aquilo tinha uns carris e umas rodas dos lados e a gente

andava assim dentro de um coiso tipo um helicóptero... e trabalhei ali 7 anos... foi a única coisa... de resto trabalhei sempre em casa, porque o meu marido... à uma porque o meu filho que era assim, era preciso muito cuidado com ele, porque na escola, ele não podia subir autocarros, não podia ir para o liceu, tinha que ir para o colégio porque tinha que ter sempre uma carrinha para o ir buscar, tinha que levar a pequenina para a escola e buscar, porque era em África e a gente tinha sempre medo, não é...? E é o que o meu marido dizia ``tu para ires trabalhar e para pões os filhos numa creche, num colégio ou numa coisa qualquer, vais gastar o dinheiro do trabalho, e ninguém tem carinho para os filhos, mais do que tu!'' portanto, graças a deus ganhava dinheiro suficiente e eu cuidava dos meus filhos!

E - muito bem. Então... esta aqui já respondeu, não é? Quando pensa em si no presente e no passado, considera que ao longo do tempo foi sempre a mesma pessoa?

Sra. - sim... sempre alegre, sempre bem-disposta e a ultrapassar os problemas... era, não me estou a gabar nem nada, mas sempre simpática e nunca me... não me chorava e não me queixava, levava sempre as coisas com paciência, ainda acalmava o meu marido, quando a gente tinha qualquer problema ``deixa lá... nós vamos resolver e procurar ajudar a resolver as coisas da melhor maneira'' e... acho... acho! Pelo menos os meus filhos hoje dizem que têm orgulho em mim! Achei sempre... vontade de fazer o meu melhor e de dar o meu melhor... para que nem o meu marido nem os meus filhos tivessem nada para me apontar! E é isso que ainda hoje eu sinto em mim... é isso que ainda hoje eu faço...

E - muito bem! E é uma boa filosofia... olhe, e costuma assim pensar na morte?

Sra. - eu não tenho medo à morte... nós sabemos que temos todos que morrer, por isso não vou dizer ``olha, vou morrer só quando virmos que estamos mesmo para morrer!'' nós temos que morrer... eu... não queria era sofrer muito... que me dessem... é o eu digo aos meus filhos, que me dêem umas injeções para eu não sentir dores e assim... de resto... hum... não me mete medo a morte. Porque eu acho que dentro de mim que não sinto nada, se morrer não levo remorso de ter feito isto ou aquilo...

E - vai tranquila, não é?

Sra. - vou tranquila... e tenho fé que eu vou para a beira do meu marido outra vez... (risos)

E - muito bem! E é preciso ter!

Sra. - o corpo não vai, mas...

E - vai a alma!

Sra. - é capaz é! É capaz de ir a alma... se a gente se vê lá torna-se a agarrar um ao outro! (risos)

E - então pronto, a decisão de vir para cá para o lar foi sua? Sua e do seu marido?

Sra. - a decisão foi... não! O meu marido ao início não queria! Era muito independente... mas depois eu convenci-o... não queria porque ele tinha medo porque pensava que eu, como nessa altura ainda estava bastante conservada, que eu que não quisesse vir...

E - ah... achava que vinha sozinho...

Sra. - achava que ele vinha sozinho... e eu disse-lhe ``olha filho, vamos para lá porque eu sozinha...''... eu tinha que lhe dar banho, ele era um pedaço de rapaz, bem constituído e assim... ``...eu não posso, e a casa é grande, dá muito trabalho...'' só tinha uma senhora duas vezes por semana... mas as noites ele não deixava dormir e eu já fartei, já estou cansada! ``... e vamos para o lar porque eu vou contigo! E não vais sozinho, eu vou contigo!'' . E ele virou-se para mim e disse ``vais?'' . ``vou'' . ``então pronto, então eu também vou!'' Depois quando ele... antes de falecer eu dizia assim, ``olha queres ir para a beira dos meus pais'', que eu sou de Valença, ``ou para a beira dos teus pais, para Cerveira?'' E disse ele ``eu não quero ir para lado nenhum... quero ir para onde tu fores quando morreres!'' Disse ``ai mas eu quando morrer, se morrer aqui, quero ficar em Viana!'' ``pois então eu também quero ficar em Viana!''

E - muito bem... isso é que foi um grande amor, hum?

Sra. - foi, foi um amor que levou muitos e muitos tropeções, mas sobreviveu a tudo!

E - muito bem... então, quando se mudou aqui para o lar, como é que se sentiu? Ao ter que deixar a sua casa...

Sra. - senti-me... senti um sossego total! Uma tranquilidade, porque... senti-me segura! Não estou sozinha, não é? E adaptei-me muito bem, porque eu tinha tido aqui uma cunhada, solteira, eu tinha tido aqui uma cunhada e vinha aqui muitas vezes! Visitá-la! Então isto para mim já não era estranho... e eu vim, tranquilamente, não chorei por vir para aqui, sinto-me bem, sinto-me feliz, com o meu marido, ele ainda durou aqui dois anos e tal... saíamos, íamos passear para a rua, vínhamos para aqui, íamos passar fora os fins-de-semana, íamos passar férias ao Alentejo, íamos passar férias ao algarve com os filhos e tornava-mos a vir para aqui... faz de conta que eu não vim para um lar, eu mudei de casa! E não senti... o que eu vejo que as outras senhoras sentem... ``ai, não quero sair da minha casa...'' oh meus deus, eu rejeito... ``eu quero ir para ao pé dos meus filhos...'' eu rejeito! Deixai estar! Vocês têm o vosso trabalho, façam o vosso trabalhinho, eu estou bem, eu se sentir qualquer coisa que não está bem eu telefono-vos,

eles vivem pertinho, vivem aqui na Meadela... só tenho uma em Lisboa... ela vem de Lisboa cá ver-me... de vez em quando vou lá a Lisboa eu vê-la e vou para a casa dela... e estou bem, é como se estivesse na minha própria casa... só sinto a falta do marido, de resto mais nada... mais nada...

E - então sente que aqui as suas necessidades e as suas opiniões e vontades, é tudo tido em conta?

Sra. - sim eu faço as minhas coisas, se quiser sair à rua eu saio, se quiser comprar alguma coisa compro, se quiser vir para aqui venho, se não quiser não venho, se quiser aproveito sempre todos os trabalhinhos para me distrair... e a gente aprende sempre alguma coisa, não é?

E - isso é!

Sra. - e... e não... eu não sou assim ``quero ir para casa'', não! Eu sinto-me assim como que entrasse na minha casa...

E - sente-se integrada, não é?

Sra. - sinto-me integrada!

E - muito bem. E... já sei que costuma receber as suas visitas, dos seus familiares, muitas vezes... e acha que os seus familiares a tratam com respeito? Com o respeito que considera que a deviam tratar?

Sra. - sim. Sim. Tudo o que eu quero... até se fazem assim uma comidinha melhorada ou assim vêm-me trazer, vêm-me buscar para comer todos os fins-de-semana e... ainda ontem o meu filho veio-me aqui buscar para eu passear com ele de carro, levou-me até Barcelos... fazem-me tudo! Até se eu estiver doente vêm aqui, carregados de tudo, pensam que eu que... ``ó filho não temos falta de comer!'' mas estão sempre a dizer ``a mamã que não lhe falte nada! A mamã se quiser alguma coisa diga!'' se eu falar, por exemplo, normalmente... se eu disser ``eu gosto muito daquele peixe''... pois até quando eu for a casa tenho aquele peixe para comer!

E - muito bem, são atentos!

Sra. - estão atentos! Se eu tiver... andava a comer muito e assim... e fui à médica... eles foram até marcar-me a consulta ao hospital... ``a mamã vai a uma consulta ao hospital!'' e levam-me logo ao hospital! Eu às vezes até lhes digo ``estai sossegados que eu também estou!'' ``então mamã como é que está? Está bem? O que é que almoçou hoje? Se está deitada? Não está deitada? Descanse''... é assim... ``vá à rua, coma o que lhe apetecer''... agora no dia da mãe encheu-me ali o quarto de flores e prendas e eu disse assim ``agora onde é que eu vou pôr as flores?'' mas eu tenho uma neta que está agora a terminar a casa, só falta mesmo limpar e assim, e eu vou-lhas dar porque são plantas caríssimas e assim e eu tenho que as ter ali por baixo da janelinha e assim... que eles vieram trazer-me outras prendas... e o meu filho

mandou fazer um arranjinho e veio trazer-me um arranjinho de flores!
(risos)

E - olhe que foram uns queridos! Então e costuma relacionar-se aqui com as pessoas do lar?

Sra. - com todas! Com todas! Sou querida por todas! Qualquer uma delas chama-me para ir para a beira delas... porque eu sou muito brincalhona!

E - ai é?

Sra. - sou muito bem disposta... e brinco com elas de uma certa maneira, e depois começo a dizer que vou cantar e que vou... essas coisas todas que são brincadeiras... e elas todas gostam de mim.. É natural que alguma não goste, mas não se manifesta porque eu também não faço mal a ninguém! Gosto de fazer trabalhinhos, respeito-as... se elas precisarem de uma ajuda e se eu lhas puder dar, dou... se tiver alguma coisa a mais também gosto de repartir... e sou... sou amiga delas e elas também são minhas amigas. Pronto as funcionárias da casa... gosto de toda a gente e dou-me com toda a gente! Porque eu ouço... não falo... ouço e tento acalmá-las e pronto... o que mais é que eu hei-de fazer? Às vezes chegam a chorar à minha beira e eu... começo a contar anedotas, começo na brincadeira e passa...

E - é uma bem-disposta...

Sra. - fui sempre! Fui sempre bem-disposta! Posso estar cá dentro com o meu coração escuro, negro como a noite, mas eu não sou de mostrar!

E - mas devia... também não pode guardar tudo...

Sra. - eu só preciso às vezes de falar com a família ou com uma amiga, mas não ando a fazer daquilo... não ando a fazer aquilo, ou a dizer àquela... elas não podem fazer nada, cada um de nós tem que sofrer com as suas consequências, isso é assim... é lidar com as consequências que nos vão surgindo e aceitar e ultrapassar com aquilo que deus nos deu... eu até estou agradecida porque hoje há tanta gente que está pior e isto está tão mal... a gente... não me falta nada... não me falta nada... pronto a gente está bem!

E - e pronto já está! Vou só perguntar-lhe a sua idade, pode ser?

Sra. - que idade a menina me dá?

E - eu dou-lhe uns 73...

Sra. - pois eu tenho 76! (risos)

E - ah! Então erreí mas por pouco... mas olhe que a senhora parece mais nova!

Sra. - (risos) não, não pareço, óh!

E - pronto e já está! Obrigada!

Sra. - de nada! Olhe fui sincera, e quando uma pessoa é sincera é o melhor!

Entrevistas com os idosos - Transcrição N° 4

Idade: 84

Estado Civil: Casado

Sexo: Masculino

E - pronto... vamos lá! Então olhe, se quiser fale-me um pouco sobre si... sobre a sua história de vida, sobre como é que era em criança, sobre a sua família, por quem era constituída...

Sr. - olhe eu... eu não sou de cá... sou de Amarante...

E - ah! Muito bem... transmontano!

Sr. - (risos) mas vim para aqui para viana com 11 anos... porque o meu tio... os meus tios, eu tinha vários tios... mas esse meu tio tinha uma lavandaria e eu vim trabalhar para a lavandaria, onde sempre trabalhei. Vim para lá, e tenho a terceira classe, mais nada, naquela altura queriam era que a gente trabalhasse... e pronto, depois estive aqui, depois cheguei a estar em Braga, quer eu quer os meus irmãos, por comum acordo fui para lá trabalhar até à idade dos 20 anos... depois de lá voltei novamente aqui para Viana!

E - muito bem... gostou de Viana...

Sr. - Gostei, gostei... gosto mais de Braga, mas as conveniências foram outras, não é? Depois conheci esta mulheraça, a mulher que está aqui... e olhe, lá a tenho aturado! (risos). É a minha coisa, como hei-de dizer, a minha infância, a bem dizer, era lá na aldeia, em Amarante, numa freguesia lá mesmo pegada, não é? E pertence ao concelho de Amarante, distrito do porto...

E - muito bem. Então e tinha irmãos?

Sr. - ui, nove!

E - nove irmãos? E o senhor era o mais novo?

Sr. - eu era o segundo.

E - o segundo? É pá... Muito bem!

Sr. - (risos) é... tinha um irmão mais velho que já morreu. Outro que era mais novo ainda do que eu um bocadinho, morreu em frança, também. E de resto ainda está tudo vivo, o resto dos irmãos ainda está tudo vivo!

E - muito bem... tudo cheio de saúde!

Sr. - eram seis raparigas... não! Eram cinco raparigas e quatro rapazes...

E - muito bem!

Sr. - é verdade!

E - então e como é que caracteriza a relação com a sua família na infância?
Era uma relação boa?

Sr. - era. Era.

E - davam-se todos bem?

Sr. - davam-se todos bem... já sabe como é, há sempre uma chapada, não é?
(risos) pronto, aquelas chapadas... mas o resto demos, eramos uma boa família!

E - e com os pais? Como é que se dava com os pais?

Sr. - comos pais era ainda melhor... ainda melhor... gostava muito do meu pai...
e da minha mãe... a minha mãe faleceu com 80... não, 90 e tal anos... penso que
era 96... e temos uma irmã, que é a irmã mais nova, que é donde a minha mãe
faleceu. É que agora, o que é que fazemos? Vamos lá a casa, que é a nossa
casa, que era a casa da minha mãe, que agora é da minha irmã...

E - pronto, é a casa de família...

Sr. - sim, da família...

E - e o que é que sente quando vai a essa casa?

Sr. - sinto... sinto... eu não é que... já não me dou lá também...não! Eu vou lá e
ia lá e quando estivesse 4 ou 5 dias já era bom! Não é que me faltasse nada
que essa minha irmã, dei-me sempre muito bem com ela... e tratou sempre muito
bem a minha mãe até à morte... e como digo, fiquei sempre com aquilo cá
dentro... um bocadinho, não é? Quando era com a nossa mãe, já se sabe como é,
não é? Agarrava-se à gente e assim... e agora...

E - pois... e fazia os miminhos todos!

Sr. - pois, e nós a ela também! Já era uma senhora de idade... e de resto, a
minha vida... depois vim para aqui para viana, como disse, de Braga voltei
novamente para viana, arranjei esta mulher que andava para aí perdida...
(risos) e arranjei-me com ela e olhe, temos dois filhos, um casal, e netos
temos 3... e parece que já temos, não tenho bem a certeza, um bisneto!

E - ah muito bem! Está a crescer a família!

Sr. - está a crescer, está!

E - muito bem... então e diga-me uma coisa, costumava ajudar nas tarefas de
casa, tinha assim alguns papéis que lhe atribuíam e que tinha que fazer?

Sr. - sim sim sim!

E - ai é? E o que é que fazia?

Sr. - eu fazia... desde começar pela comida...

E - cozinhava?

Sr. - cozinhava pois!

E - ah... muito bem!

Sr. - depois a minha mulher deu-lhe dois AVCs, ficou coisa, não vê... e depois aí é que fiquei eu o rancheiro, fazia tudo! Mas fazia sempre, não havia problema! Vivemos sempre os dois e nunca houve assim problemas nenhuns...

E - e em pequeno também tinha tarefas em casa?

Sr. - não, como eu tinha 11 anos... o que é que eu havia de fazer? (risos) com 11 anos era andar lá com as ovelhas e assim...

E - muito bem... e brincadeiras, quais eram assim... quando era pequeno quais eram as suas brincadeiras preferidas?

Sr. - olhe as brincadeiras preferidas eram o seguinte... a gente... juntavam-se assim uns rapazotes... alguns não é? Íamos jogar a malha, íamos... nunca fomos assim... à bola... coisa assim... sabe que cinemas era um de vez em quando que eram caros... (risos)

E - então e nessa altura, lembra-se assim de alguma situação que o tenha perturbado?

Sr. - olhe perturbado... eu estava bem na minha vida e vieram-ma estragar... e foi o falecido meu sogro... eu casei com a minha mulher, e ela está aqui mas eu tenho que contar isto... que é verdade! Ele um dia chamou-me e disse assim ``olha que eu... pronto, não te dou nada, não te posso dar nada, mas dou-te aquela casa para tu montares uma lavandaria''. E eu assim fiz... na altura não tinha dinheiro que chegasse, pedi ao banco emprestado! Ele era o fiador, mas eu é que paguei! Passado um bom tempo, ele tinha outra mulher... apesar de ter a mãe da minha mulher, ele também tinha outra mulher... e a minha mulher, quando passava por ela não se segurava! Quer dizer ela via-os na rua, e depois quando chegava a casa era o fim do mundo! Era sempre a bater, por causa disso, porque ela não queria que ele tivesse isso por causa da mãe... porque a mãe tratava-a bem... ela ia sempre lá visitá-la à noite, antes de adormecer... sabe como é, ela era muito amiga dela! Quer dizer, houve ali aquela coisa, eu tirei partido, e houve uma altura, ele tinha uma mota grande e a minha loja tinha a montra, e a montra era larga... e ele ia entrar com a mota! Ia com a mota a trabalhar lá para dentro e eu não gostei! Chamei-o à atenção e... olhe, pegou, ele era muito amigo do dono da casa, ele tinha posto o estabelecimento, o meu lugar em nome dele e

pegou em mim... e foi para a rua! Fui para a rua porque não tinha documentos nenhuns que provassem que aquilo que era meu! E foi assim... e perdi a minha lavandaria que era como... quer dizer, que era o meu lar... eu não sei mas estive lá 6 anos ou assim... e tinha bons clientes e assim... e ela (mulher) ... olhe, fomos e ainda tentamos ir a um advogado, mas o advogado ``não tem documentos, você não pode pegar...'' estava em nome dele... e essa é a mágoa que eu tenho!

E - pois...

Sr. - de resto olhe... agora tenho... tive problemas com o filho, com o único filho... tenho uma filha... mas rapaz é só um! Também foi... quando nos vimos... começamos a viver sozinhos, não é? Estávamos a viver sozinhos e pensamos, isto não pode ser assim que ela não vê, tenho que ter uma pessoa que trate dela, não sou eu... eu posso lhe safar numa coisa qualquer, mas não posso lhe fazer tudo! E então, pegou e veio uma nora, que é a mulher do meu filho ``ai vocês não vão para lar nenhum'' disse o piorio! ``porque assim você dá-me a mim o que vai dar para o lar, que eu olho pela sua mulher!'' e o que eu queria era isso, não era... ela tinha uma casa com quatro quartos... peguei, fomos para lá uma dia... muito bem... ela apanhou-nos lá dentro, apanhou-me o dinheiro... porque aqui não se entra com o subsídio... quer dizer não se entra com dinheiro nenhum... mas os outros lares levam dinheiro para entrar... mas aqui não! Apanhou-nos lá e eu dei-lhe esse dinheiro e chegou a uma altura começou-me a não fazer caso da mulher... chegávamos à noite e estava ela e a filha, por exemplo, no sofá sentados a ver televisão, e a dizer ``olhe o Gaspar quando vier...'' que é o meu filho ``... que resolva a comida que nós já remediamos com isto''! Entendeu? E eu estava a pagar! Desde aí passou-se uma coisa... nós tínhamos a nossa reforma numa caderneta... o dela está na dela e o meu é comigo... desapareceu-me a caderneta da minha mulher... ao desaparecer, fui a casa e estava lá a minha neta... ``Daniela onde é que está a tua mãe?'' ``a mãe foi ao cabeleireiro com o pai... porquê?'' já estava a ver... ``porquê?'' e eu disse assim ``é que falta a caderneta da tua avó e eu já fui à caixa saber qual foi o motivo e essas coisas...'' ela ficou... foi ela, sabe! E eu fui tão palerma que dei-lhe o número do código! E ela pegou-me na caderneta e foi e levantou-o todo! O dinheiro que tinha na caderneta na altura, da minha mulher, levantou-o todo! E ela entrou por casa adentro e começou a mandar vir ``ponham-se daqui para fora! Eu não vos quero aqui!'' e assim ficou... porque eu até lhe dava o dinheiro! Se me ela pedisse... já lhe tinha dado para o seguro para o carro e assim, e eu dava-lhe! E depois disso mandaram-nos para fora da porta! E essa é a minha mágoa maior... o filho... eu já nem digo por mim, mas pela mãe... e nunca mais quis saber! Nem de mim nem da mãe... e é assim olhe, acontece assim... mas foi, foi verdade!

E - pois... é difícil... olhe e quando se transformou num jovem? Como é que foi a sua passagem de criança para um homenzinho?

Sr. - ai eu era... era um bocado atrevidote até! (risos)

E - era atrevido?

Sr. - era, era, era! (risos) era novo, tinha 12 anos ou assim... e já andava a namoriscar!

E - ai era?

Sr. - (risos) era sim! E casei com 28 anos!

E - também casou cedo...

Sr. - 28 anos não era muito cedo! Hoje é cedo... encontrei a... um dia encontrei a minha mulher e ela, ela deu-me um bocado de graxa e olhe... lá nos casamos... catrapisquei-a e foi assim... mas fazíamos aquelas brincadeiras mesmo de jovens, não é?

E - exactamente... saudáveis, não é?

Sr. - foram os melhores tempos nas nossas vidas, não é? Comia bem, bebia melhor... tinha tudo! o que é que eu havia de querer mais? (risos)

E - exactamente... então e considera que durante a sua vida correspondeu àquilo que era esperado de si?

Sr. - eu esperava mais... Mas... mas está bem, está bem assim...

E - fica contente... quando olha para trás fica contente...

Sr. - sim. Fico contente, sim.

E - e... a transição da vida de solteiro para a vida de casado, como é que foi?

Sr. - eu acho que... a minha... não se notou muito sabe? É que a casa dela começou a ser minha antes de casar... porque eu dava-me bem com a minha sogra, com a mãe dela! Dava-me muito bem! E ela comigo... e eu sentia-me em casa dela, como me sentia na minha...

E - e quando nasceu o seu primeiro filho, como é que se sentiu?

Sr. - senti-me satisfeito! Primeiro tive receio porque a coisa naquela altura não havia grande cuidados, não é? Vinha a enfermeira a casa, não é? Era o que havia... e depois... essa senhora até já faleceu... foi lá, quando foi do rapaz, vinha... era forte, ele era muito forte... a filha... já foi mais fácil, era mais magrinha...

E - mas e a transição... como é que foi passar de ''sem ter filhos'' para ''ter filhos''?

Sr. - foi, olhe, foi um martírio! (risos) a gente queria dormir e não podia dormir! Uma altura trabalhava, e peguei... não se calava com isto, não se calava com aquilo... e peguei nele e pu-lo no corredor! (risos)

E - muito bem... e calou-se!

Sr. - não calou não! Não... mandei lá a minha mulher! E é assim... e agora, a outra já foi mais fácil!

E - pois... se calhar era mais calminha... também já estavam mais habituados...

Sr. - era calminha, era... a gente para nós... o nosso rapaz era muito traquina! E era assim, olhe... era a vida! Ou boa ou má, mas foi a vida que a gente teve, não é?

E - ora bem! Então e ao longo do tempo, não é, o seu corpo foi-se alterando... veio uma ruguinha, coisa e tal... como é que se sente face a essas alterações?

Sr. - ó... eu gostava de ser mais bonito, não é? (risos)

E - então, mas o senhor é bonito! Tem aqui uma mulher ainda toda jeitosa!

Sr. - (risos) ó coitada! Também já teve dois AVCs, ficou cega... vê só uma sombrinha... ainda tem uma coisinha, mas corremos tudo! E foi na Clipóvoa, corremos os especialistas todos... disseram-nos para não gastar mais dinheiro porque nunca mais...estava... não era a parte da frente (do olho) ... por trás estava tudo destruído!

E - pois...

Sr. - pronto... depois aparece-me outro problema, que também andava-me sempre com a tensão muito alta, sempre a 22, foi quando lhe deu aquilo... mas ela agora está medicada e não sei de onde é que lhe vinha isso... foi ai um... um médico... Fui a um médico Pinto da Cunha e mandou-a fazer estes exames assim, assim, assim... e no final era um rim que ela tinha que não funcionava... teve que o ir tirar... foi tirar o rim e depois a tensão normalizou... e foi assim... eu também já fui operado, também...

E - ai é?

Sr. - sim, à próstata! Há 8 anos...

E - mas está ai impecável!

Sr. - estou! Não me dói nada, felizmente! E agora é boa vida! (risos) agora a boa vida ainda é melhor, não é? (risos)

E - ora bem! Isso é que é preciso!

Sr. - não mas tinha que ser, nós tínhamos que resolver esta vida, sabe? Eramos sozinhos... a minha filha é professora... mas tem dois filhos... e o marido, não é? Também está... não podia estar a olhar por nós! De maneira que... eu arranjava... eu arranjava aquilo... quem tomasse conta, não é?

E - ah... e... já sei que trabalhava na sua lavanderia e que se encontra reformado...

Sr. - sim, sim...

E - então e o que é que sentiu aquando da sua reforma?

Sr. - olhe senti-me triste porque... como já lhe disse eu gostava muito de trabalhar lá e tinha clientes muito bons... mas foi assim, olhe... fiquei sem ela e fui para a rua!

E - pois é... e quando pensa em si no passado, acha que foi sempre a mesma pessoa, ou acha que mudou?

Sr. - ai mudou menina! Mudou, porque em solteiro era uma coisa... era muito malandro... depois encontrei aqui esta beldade e mudei! (risos)

E - pois é... e nota-se que os senhores são muito unidos e carinhosos, estão sempre de mão dada! Isso é muito bonito de se ver! Gosto muito! Então olhe... e na morte? Costuma pensar na morte?

Sr. - não, não penso muito... todos nós temos que ir, não é? Eu só peço uma coisa a deus! Só peço que a leve a ela primeiro (mulher) porque assim tenho a certeza que fiz tudo por ela, sabe?

E - ai isso é tão bonito!

Sr. - é... é que ela é muito agarrada a mim, sabe? Não me larga, está sempre de mão dada a mim... sabe, até tem piada... quando lhe deu os problemas... nós temos camas separadas, porque ela já me caiu da cama... e tiveram que lhe pôr uma cama com grades... e ela dorme a noite toda agarrada a mim, com a mão entre as grades... até quando lhe mudam as fraldas... é, ela usa fraldas porque não consegue segurar aquilo, então até quando lhe estão a mudar a fralda ela está agarrada a mim! (risos)

E - oh... isso é mesmo muito bonito! Isso é que é amor a sério!

Sr. - é, é... é uma chata mas eu gosto muito dela! É a minha mulher não é?

E - então e quais foram as razões para virem para o lar?

Sr. - então... é que quando lhe deu os dois AVCs eu não conseguia cuidar sozinho dela... e depois fomos para casa do meu filho... e a minha nora roubou o dinheiro todo da minha mulher... pronto, tivemos aqueles problemas com o filho, não é? E a minha filha ainda disse para irmos para casa dela... mas ela tem os filhos e o marido e estão sempre fora durante o dia, por isso tinha que ser eu a fazer tudo na mesma... então foi o melhor... viemos para aqui!

E - e de quem foi a decisão de virem para cá? Foi sua e da sua mulher?

Sr. - olhe eu falei com a minha filha... tivemos uma conversa, não é? Mas ela era muito ocupada, e por isso decidimos vir para aqui... e estamos bem.

E - e como é que se sentiu ao vir aqui para o lar?

Sr. - olhe custou-me muito... sabe porquê? Porque sinto muita falta da minha liberdade... é como se a tivesse perdido... é que tenho sempre que acompanhar a minha mulher não é? Ela não fica um bocadinho sem mim, fica logo doida! Eu antes podia sair e assim, e ia fazer as minhas coisas, e compras, e passear... agora não posso... porque tenho que estar sempre com ela... e quando saio ela vem comigo mas é mais complicado...

E - pois, tornou-se mais complicado...

Sr. - é, é... mais complicado... mas é assim a vida!

E - então e o senhor sente que as suas necessidades e as suas vontades e opiniões são tidas em conta aqui no lar?

Sr. - sim... sim... são.

E - hum... muito bem! Então e visitas? Já sei que recebe, que a sua filha veio cá vê-los ontem, não é?

Sr. - (risos) pois foi, pois foi... ela vem cá... olhe, ela vem visitar-me e à mãe duas vezes por semana, e depois ao domingo vem cá buscar-nos porque vamos nós lá almoçar com ela!

E - então e quais são os seus sentimentos relativamente ao lar? Gosta de cá estar e das pessoas todas?

Sr. - sim, sim... olhe até fiquei muito bem surpreendido! Sabe, come-se bem, as pessoas são todas simpáticas e tratam-me bem, mais à minha mulher...

E - e costuma dar-se com as outras pessoas que cá vivem, ou tem mais tendência para se isolar?

Sr. - ai dou, dou! Temos um grupo de amigos aqui... olhe estão ali naquele cantinho...

E - ah... estão à espera que acabe aqui para se juntar a eles, não é?

Sr. - (risos) é! Damo-nos todos muito bem, conversamos... eu falo sempre com toda a gente!

E - e actividades? Costuma participar?

Sr. - sim! Às vezes vamos ao cinema, ou ao ginásio também! (risos) e ainda há pouco tempo fomos ao teatro! Parece-me... mas nunca posso fazer muita coisa por causa aqui desta menina (mulher), não é? (risos)

E - muito bem... então pronto, para terminar uma última pergunta... sente que já faz parte aqui deste lar?

Sr. - sim, sinto... somos bem tratados aqui... sabe, se eu tivesse condições... não estava aqui... mas como não tenho convenço-me de que esta é a minha casa! E damo-nos bem aqui...

E - muito bem! Prontinho, já acabamos... já pode ir ter com os seu grupo de amigos para conversar que eles já lá devem estar à espera! Muito obrigada por tudo! E continuem assim unidos, são muito bonitos os dois juntos!

Sr. - (risos) oh menina está bem! Obrigada eu! E qualquer coisa que precise volte, está bem?

E - obrigada!